

**Sandra Reimão**  
Organização

# Em Instantes

notas sobre programas na **TV** brasileira

(1965-2000)



Universidade  
**Metodista**  
de São Paulo

## **EM INSTANTES**

notas sobre programas na tv brasileira  
(1965-2000)

# UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

## **Conselho Diretor**

Luis Antonio Aparício Calláú (presidente), Esther Lopes (vice-presidente), bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa (bispo-assistente), Edesio de Oliveira Rocha (secretário), André Fernandes Ribeiro Maia, Graciela Duarte Rito Rodrigues Aço, Leila Machado Pereira, Marcio Miguel de Oliveira Arbex, Nelly Azevedo Matolla, Rosilene Gomes da Silva Rodrigues

Reitor: Davi Ferreira Barros

Vice-Reitor Acadêmico: Clovis Pinto de Castro

Vice-Reitor Administrativo: Marcio de Moraes

*Diretor da Faculdade de Comunicação Multimídia e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social*

Sebastião Carlos de Moraes Squirra

*Diretora da Faculdade de Jornalismo e Relações Públicas*

Maria Aparecida Ferrari

*Diretor da Faculdade de Publicidade/ Propaganda e Turismo*

Paulo Rogério Tarsitano

## **Conselho de Política Editorial**

Clovis Pinto de Castro (vice-presidente), Danilo Furquim Siqueira, Davi Ferreira Barros (presidente), Elydio dos Santos Neto, Etienne Alfred Higuët, José Marques de Melo, Marly Cavalcanti, Marcilei Aparecida Guazzelli da Silveira, Tânia Elena Bonfim

## **Comissão de Livros**

João Evangelista Teixeira, Luiz Antonio Bove, Marcilei Aparecida Guazzelli da Silveira, Marta Cristina Souza, Zeila de Brito Fabri Demartini

## **Editora executiva**

Léia Alves de Souza

**Sandra Reimão**  
Organização

# **Em Instantes**

notas sobre programas na **TV** brasileira

**(1965-2000)**

**Ana Carolina Pessoa Temer  
Célia Chaves  
Cláudia Guerra Monteiro  
Marcia Perencin Tondato  
Renata Carrara**



Universidade  
**Metodista**  
de São Paulo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Metodista de São Paulo)

---

Em instantes : notas sobre programas na TV brasileira  
(1965-2000) / organização de Sandra Reimão.  
São Bernardo do Campo : Universidade Metodista  
de São Paulo, 2006.  
148 p.

Bibliografia  
ISBN 85-87589-62-8

1. Televisão - Brasil - Programação 2. Televisão -  
Brasil - História 3. Cultura e comunicação de massa  
I. Reimão, Sandra

CDD 791.450981

---

**Universidade Metodista de São Paulo**

Rua do Sacramento, 230, Rudge Ramos  
09640-000 São Bernardo do Campo, SP  
Tel.: (11) 4366-5537

E-mail: [editora@metodista.br](mailto:editora@metodista.br)

[www: metodista.br/editora](http://www.metodista.br/editora)

Capa: Cristiano Freitas

Editoração eletrônica: Maria Zélia Firmino de Sá

Permutas e atendimento a bibliotecas: Noeme Viana Timbó

Impressão: Gráfica e Editora Rudcolor

As informações e opiniões emitidas nos artigos assinados são de inteira  
responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente,  
posição oficial da Universidade ou de sua mantenedora.

# Sumário

Introdução .....	7
Sandra Reimão	
A inauguração da televisão no Brasil .....	15
Sandra Reimão	
Década de 1960: a chegada do video tape.....	27
Sandra Reimão	
Década de 1970: consolidação da liderança da Rede Globo .....	47
Ana Carolina Pessoa Temer e Cláudia G. Monteiro	
Década de 1980: TV em clima de cassações e concessões .....	71
Ana Carolina Pessoa Temer e Célia Chaves	
Década de 1990: TV de sinal aberto busca seu caminho em tempo de globalização .....	97
Marcia Perencin Tondato e Renata Carrara	
Observações Finais.....	137
Sandra Reimão	
Sobre os autores .....	147



# Introdução

Este estudo visa caracterizar, em linhas amplas, os traços dominantes na programação da televisão brasileira no horário nobre entre os anos 1965 e 2000.

Essa abordagem das grandes feições da programação da TV abrange apenas os canais abertos de teledifusão no país e enfoca as categorias e gêneros dos programas.

Perseguindo esse objetivo, inicialmente selecionamos uma semana a cada cinco anos e levantamos a programação nesse período. A semana escolhida foi a terceira semana de março, ou melhor, a semana que começasse na primeira segunda feira depois do dia 15 de março, inclusive. Os dados foram coletados a partir do jornal *O Estado de São Paulo*. Essa fonte foi escolhida pela credibilidade do jornal e também por sua estabilidade de diagramação e editoração, o que facilitou o levantamento.

A utilização de um jornal impresso como fonte básica de levantamento de dados acarreta duas limitações que são: 1) Não verificamos a programação efetivamente posta ao ar, mas sim aquela que foi an-

unciada; 2) Não descontamos dos cálculos de tempo de programação aquele gasto em publicidade.

É preciso explicitar também que, como estamos utilizando um jornal paulistano como principal fonte, nossos dados dizem respeito à programação de TV na cidade de São Paulo.

\*

Complexa, dinâmica e repleta de nuances, a questão dos gêneros, central nas reflexões sobre arte e cultura, se impõe e solicita sua especificidade no âmbito da comunicação de massa.

Enfocando o tema na esfera específica da televisão, Mauro Wolf apresenta a seguinte definição geral:

“O conceito de gênero indica modos culturalmente estabelecidos e reconhecíveis de comunicação, funcionando no interior de determinados grupos sociais ou comunidades lingüísticas”.<sup>1</sup>

Sintética, essa definição contempla três pontos que nos parecem essenciais: 1) salienta o caráter social e portanto dinâmico do fenômeno, pois o mesmo tem sua validade em grupos sociais determinados; 2) aponta a origem não normativa da categorização dos gêneros, enfatizando que eles foram culturalmente estabelecidos; 3) salienta que a questão dos gêneros indica modos reconhecíveis e funcionais de comunicação, ou seja, afirma tratar-se basicamente de uma questão pragmática.

---

<sup>1</sup> WOLF, Mauro. “Generi e Mass Media” IN BARLOZZETTI, G.. *Il Palinssesto*, Milão, Ed. Francco Angeli, 1986, p. 169.

Esses “modos culturalmente estabelecidos e reconhecíveis de comunicação” atuam nos processos comunicativos, tanto do ponto de vista da produção quanto da fruição. Essa atuação, que pode se dar de maneira consciente ou inconsciente, explícita ou implícita, funciona como um “‘contrato’ entre o emissor e o receptor de forma a tornar operacionalizáveis os sistemas conexos de expectativas e permitir, portanto, tanto o respeito quanto o desvio dos modos aceitos e institucionalizados da ação comunicativa”.<sup>2</sup> Trata-se, pois, de um encontro marcado em que ambas as partes pré declaram suas intenções; trata-se, para citar uma expressão já clássica cunhada pelo lingüista alemão R. Jauss, da construção de um “horizonte de expectativa”.<sup>3</sup>

Tradicionalmente apregoa-se a distinção da programação televisiva em três grandes gêneros: educação, informação e entretenimento. Obviamente trata-se apenas de um indicativo da intencionalidade predominante, tanto para o produtor quanto para o espectador, em cada programa, pois, a rigor, especialmente em televisão, esses gêneros não são facilmente delimitáveis, nem mutuamente excludentes.

Em seu livro **Para uma Leitura Crítica da Comunicação**<sup>4</sup>, José Marques de Melo, resumindo e apresentando uma grande pesquisa realizada em 1978 pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa

<sup>2</sup> Idem, p. 170.

<sup>3</sup> JAUSS, Hans Robert. “Littérature Medievale et Theorie des Genres” IN **Poetique** n. 1/70, Paris: Seuil.

<sup>4</sup> MELO, José Marques de. **Para uma leitura crítica da Comunicação**, São Paulo: Paulinas, p. 77 a 95.

em Comunicação (Abepec), reafirma os três grandes blocos de intencionalidade em relação aos programas televisivos- entretenimento, informação e educação - mas prefere denominá-los categorias televisivas, reservando o termo gênero para modos comunicativos mais delimitados que agrupam-se nesses três grandes feixes, resultando o seguinte esquema:

Categoria: Informativo. Gêneros que a compõem: telejornal, reportagem, entrevista, documentário etc.

Categoria: Entretenimento. Gêneros que a compõem: novela, cinema, teatro, teleplay, seriados, desenho animado, música popular, música erudita, humorismo, esporte, programa de auditório, variedades etc.

Categoria: Educativo. Gêneros que a compõem: cursos, ciências, artes, esportes, civismo etc.

Categoria: Especial. Gêneros que a compõem: infantis, minorias étnicas, religião, agrícolas etc.

Não podemos deixar de observar que nesse quadro os gêneros não correspondem a classes abordáveis por um único princípio taxionômico. A caracterização de um gênero pode se dar, para citar alguns critérios, tanto pelo seu suporte físico (ex.: filme); quanto pela ênfase em uma característica narrativa (ex.: séries); quanto pela situação de produção (ex.: programa de auditório); quanto pela temática (ex.: esporte) – assim sendo, como um mesmo produto televisivo pode agregar-se a várias categorias de programação. Salientemos que os gêneros não são rigidamente delimitados e nem mutuamente excludentes, podendo se imiscuírem, se referirem e se parodiarem mutuamente.

A observação de programas atuais, induziu a dois prognósticos antagônicos a respeito dos gêneros nos meios de comunicação de massa. Alguns teóricos incitados, por exemplo, pela presença cada vez maior da reconstrução romanceada nos telejornais e documentários, tendem a apontar, em graus diferentes, a dissolução dos gêneros como inevitável.<sup>5</sup>

Por outro lado, uma posição contrária, afirma que devido ao aumento vertiginoso das opções de programas, devido à expansão na multiplicidade da produção e oferta de produtos da indústria do lazer e entretenimento, os gêneros têm uma função central e tendem a se manter pois atuam como redutores da complexidade aparentemente instaurada nesse múltiplo. São balizas, pontos de orientação fáceis e rápidos de reconhecimento cada vez mais necessários para que o receptor se localize no crescente mar de emissões.

Defendendo essa postura, Mauro Wolf afirma:

“A infração e a transformação, a assimilação e a proliferação dos gêneros são fenômenos internos ao próprio sistema dos gêneros: representam o seu aspecto dinâmico e não algo externo.(...). Pode-se dizer ainda que a proliferação dos novos gêneros mistos acaba por enfatizar a centralidade dos gêneros na comunicação televisiva, fazendo com que sejam não menos necessários, e sim mais difíceis de reconhecer e classificar”.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Como um exemplo podemos citar a posição de Umberto ECO na interessante discussão proposta por ele em “TV: La Transparence Perdue” In **La Guerre du Faux**. Paris: Grasset, 1985.

<sup>6</sup> WOLF, Mauro. *Op. cit.*, p. 171 .

Essa afirmação do reforço dos gêneros no quadro de uma crescente oferta de programas televisivos toma força e ganha dividendos a seu favor, se levarmos em conta que os programas televisivos inserem-se em emissoras, canais, que por sua vez também têm identidades próprias. Nesse sentido, Raymond Williams, em um estudo que enfocou canais televisivos ingleses e americanos, depois de distinguir as televisões comerciais e as de serviço público, afirma porém que, sobreposta a esta distinção básica, cada canal tem o seu perfil de “peso cultural” e de público predominante. Essa identidade de cada emissora conduziria à idéia de um “ambiente cultural” – “ele próprio relacionado com características evidentes de educação e vida diária e com características de classe social”.<sup>7</sup> Assim o mesmo gênero de programa ou a mesma temática em canais diferentes, apresentaria e geraria expectativas de “pesos culturais diferentes” conforme o perfil do canal em que ele se insere. Nesse sentido, Raymond Williams propõe que, mais apropriado que se falar em grade de programação seria utilizar-se o termo fluxo de programação.

Para nós, brasileiros, a afirmação de Raymond Williams de identidades de fontes de emissão é algo bastante concreto e cotidiano, até a nossa linguagem cotidiana incorporou expressões como: “mais lacrimosa que novela do SBT”, indicando o sentimentalismo e o apelo “popularesco” da emissora, ou “padrão Globo de qualidade” indicando um certo perfil, especialmente

---

<sup>7</sup> WILLIAMS, Raymond. **Television. Technology and Cultural Form**. Inglaterra: Wesleyan Univ. Press, 1992, p. 80.

estético, vigente nas produções da rede de televisão hegemônica no país, em termos de audiência, há mais de vinte anos (na realidade esse “padrão” é algo que variou muito ao longo dos anos e conforme o horário e o dia em questão e essa expressão pode também ser usada de maneira negativa indicando algo edulcorado principalmente quando se refere a telejornais).

A pesquisa que apresentamos a seguir levanta dados e traça observações sobre categorias e gêneros dos programas na TV brasileira entre 1965 e 2000. Trata-se de rever alguns passos desse percurso histórico. O futuro, por mais que nos reserve surpresas, trará as marcas desse passado.

Nota

“Esse livro retoma, com modificações e acréscimos, uma publicação realizada em 1997, pela Editoras Cabral/Salesianas, com o título *Em Instantes. notas sobre a programação na tv brasileira (1965-1995)*”



---

# A inauguração da televisão no Brasil

Sandra Reimão



A TV Tupi, inaugurada em caráter definitivo em 18 de setembro de 1950 em São Paulo, como PRF- 3 TV Tupi-Difusora, Canal 3, foi a primeira emissora de televisão brasileira, pioneira também na América do Sul. Nesta noite histórica foi transmitido um *show* de variedades com a presença de, entre outros, Wilma Bentivegna, Walter Foster, Lia de Aguiar, Lima Duarte, Romeu Feres e Lolita Rodrigues. Uma noite de nervosismo e improvisação<sup>1</sup>. O fato de, anteriormente, na noite de 5 de julho, ter havido uma transmissão experimental não diminuiu a expectativa daquela primeira noite. Até o início de 1950 apenas três países tinham transmissões televisivas de maneira regular: Inglaterra, França e Estados Unidos. No México as transmissões televisivas regulares foram iniciadas em 1º de setembro de 1950<sup>2</sup> (ou seja, dezoito dias antes das brasileiras).

Várias anedotas referem-se a esta noite histórica de 18 de setembro de 1950. Citemos duas delas. Conta-se que, após o discurso inaugural, ao estourar uma garrafa de *champanhe* para brindar a ocasião,

<sup>1</sup> Ver: SIMÕES, Inimá. "TV à Chateaubriand" IN COSTA, A.H., SIMÕES, I. F. e KEHL, M.R.. **Um País no Ar**, SP, Brasiliense/ Funarte, 1986, p. 21. Hebe Camargo, que estava escalada para esta noite de estréia acabou não comparecendo – confira em MORAIS, Fernando. **Chatô, O Rei do Brasil**, São Paulo: Cia das Letras, 2ª. ed., p. 504.

<sup>2</sup> Sánchez de Armas, Miguel Angel (coord). **Apuntes para una historia de la televisión mexicana**. Mexico: Espacio 98 e Revista Mexicana de Comunicación. 1998, p. 26.

Assis Chateaubriand teria quebrado uma das câmeras com a rolha ou, em outra versão, com a garrafa propriamente dita tal como se faz com os cascos dos navios para inaugurá-los. Outro caso que circula a respeito desta primeira noite da TV brasileira relata que foi só no meio das projeções da primeira noite que alguém se deu conta que não havia programação planejada para o dia seguinte. Quanto à primeira dessas anedotas já encontramos desmentidos.<sup>3</sup>

Planejada desde, 1946 a Tupi integrava o império jornalístico Diários e Emissoras Associados comandado por Assis Chateaubriand. Em janeiro de 1951, quatro meses depois da instalação em São Paulo, a empresa inaugurará a TV Tupi Rio.

Na noite de estréia a programação foi assistida apenas por alguns dos proprietários dos 200 aparelhos contrabandeados e distribuídos pelo próprio Chateaubriand e por curiosos que se aproximaram dos 22 receptores distribuídos em vitrines de 17 lojas no centro de São Paulo. O alcance da transmissão era de cerca de 100 quilômetros, abrangendo cidades como Campinas e Santos.<sup>4</sup> Um ano e alguns meses depois, no final de 1951, estima-se que existissem, no Brasil, cerca de 7.000 aparelhos de televisão, a maioria em São Paulo e o restante no Rio.<sup>5</sup> A Tupi encerrou suas atividades

---

<sup>3</sup> FURTADO, Rubem. "Da Rede Tupi à Rede Manchete, uma visão histórica" In MACEDO, C., FALCÃO, A. e ALMEIDA, C.J.M. *TV ao Vivo*. Depoimentos. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 59. Ver também MORAIS, Fernando, *op. cit.*, p. 502, que levanta a hipótese de uma câmera ter sido danificada pela água benta respingada na benção de inauguração.

<sup>4</sup> Ver: MORAIS, Fernando. *Op. cit.*, p. 500 a 504.

<sup>5</sup> Ver: SIMÕES, Inimá. *Op. cit.*, p. 23.

em 1980, com a cassação de sua concessão, depois de uma turbulenta história de glórias e decadência, toda ela centralizada na controversa figura de Chateaubriand.

Consta que Assis Chateaubriand teria sido desaconselhado quanto a implantar uma televisão no Brasil pelo presidente da RCA (Radio Corporation of America), a quem conhecia pois já havia comprado dele equipamentos para algumas rádios dos Diários Associados. A alegação de que TV era algo para empresas fortes em países desenvolvidos, acabou funcionando como um desafio.<sup>6</sup>

O *show* de inauguração da TV Tupi “tinha características de um *show* radiofônico de variedades”.<sup>7</sup> Salientando esse parentesco com o rádio, retomemos, para exemplificar, a partir da memória de Mário Fanucchi, a programação da noite de 5 de outubro de 1950, lembrando que as transmissões eram ao vivo e que começavam a partir das oito horas da noite e mal chegavam até as dez.<sup>8</sup> Inicialmente apareceu o padrão de ajuste de imagens da RCA, com círculos e o rosto de um índio americano (posteriormente substituído pelo indiozinho da Tupi – o desenho de uma criança índia brasileira que viria a se tornar o símbolo de todas as emissoras das Associadas). A seguir entrou

---

<sup>6</sup> FURTADO, Rubem. *Op.cit.*, p. 59. SIMÕES, Inimá IN *op. cit.*, p. 15 relata o mesmo caso mas atribuindo o conselho negativo a pesquisadores de uma agência de publicidade contratada por Chateaubriand para averiguar as condições mercadológicas do empreendimento.

<sup>7</sup> SIMÕES, Inimá. *Op. cit.*, p. 21.

<sup>8</sup> Ver: FANUCCHI, Mário. **Nossa Próxima Atração**. O interprograma do Canal 3. São Paulo: Edusp, 1996.

o prefixo musical da emissora e uma voz que anunciou a programação da noite. A imagem seguinte foi o título do programa da noite, **Vamos ao ritmo**, e um letreiro com os nomes dos participantes. Os cantores se sucediam em um cenário pintado que representava um jardim. Apenas uma vez o conjunto de acompanhamento foi focalizado. “Tudo dava, mesmo, a impressão de um programa de rádio *mostrado* pela televisão”.<sup>9</sup> Mais tarde, nessa mesma noite, foi apresentado um balé clássico ao som da **Valsa do Adeus**, de Chopin.

Poucos meses depois, em 29 de novembro, a Tupi apresentou o primeiro teleteatro. Uma adaptação-tradução de um texto que, em português, recebeu o título de **A Vida por um fio**.<sup>10</sup> Foi também na TV Tupi que surgiram as telenovelas, inicialmente, no formato não diário, ou seja, transmitidas duas ou três vezes por semana. A primeira dessas telenovelas não diárias foi **Sua Vida Me Pertence**, de Walter Foster, que estreou em 1951.

Além dos *shows* que repetiam modelos radiofônicos de programas e do teleteatro, note-se também que alguns formatos de programas foram diretamente inspirados na TV americana, como, por exemplo, **O Céu é o Limite**, **Gincana Kibon** e **Esta é a sua Vida**, esse último o relato da trajetória individual de uma pessoa através de depoimentos de conhecidos e amigos das várias fases de sua vida<sup>11</sup>. Modelo narrativo encontrado até hoje, eventualmente, em alguns

<sup>9</sup> Idem, p. 40.

<sup>10</sup> Idem, p. 41.

<sup>11</sup> Ver: SIMÕES, Inimá. *Op. cit.*, p. 39.

programas especiais de homenagem. Nesta primeira fase da TV eram também exibidos alguns telefilmes e seriados estrangeiros, especialmente norte-americanos.

A programação da TV brasileira em seus primeiros anos é considerada como sendo “elitista”: teatro clássico e de vanguarda, música popular e erudita e alguns poucos *shows* mais populares. Nesses primeiros anos, o próprio aparelho de TV era um objeto apenas possuído pela elite.

A TV Tupi de São Paulo e, portanto, a TV brasileira surgiu como uma “aventura comercial do capital privado brasileiro”<sup>12</sup> – uma atividade privada dependente de renda publicitária. Para comprar os equipamentos e estruturar seu empreendimento Chateaubriand recorreu a várias empresas solicitando verbas de publicidade adiantadas. Colaboraram neste sentido: a Cia. Antártica Paulista, a S. A. Moinho Santista, a Sul América Seguros e a Laminação Nacional de Metais (talheres Wolff).<sup>13</sup> E a TV logo cedo copiou a estratégia do rádio de associar o nome dos programas a seus patrocinadores: **Cartilha Musical Pirani, Show Musical Nobis, Divertimentos Ducal, Sabatinas Maizena** etc.

A TV, que começara de maneira improvisada, em poucos meses contará com grandes anunciantes que,

---

<sup>12</sup> STRAUBHAAR, Joseph D. “O declínio da influência americana na TV brasileira” In Revista **Comunicação & Sociedade** n.º 9. São Bernardo do Campo, IMS, junho 1983.

<sup>13</sup> Conforme FANUCCHI, Mário. *Op. cit.*, p. 125. Ver sobre o tema SIMÕES, Inimá. *Op. cit.*, p. 20. Este último autor salienta que Chateaubriand tinha dívidas bancárias (inclusive em bancos públicos) não cobradas. Esses bancos atuaram então como patrocinadores na iniciativa (ver p. 17).

através de agências de publicidade, começam a atuar mais seriamente nesse novo veículo. Os anunciantes/patrocinadores terão um papel bastante amplo nos primeiros anos da TV no país pois muitas estratégias e até mesmo contratos de atores eram definidos por eles<sup>14</sup>. É também poucos meses após a implantação da TV Tupi que se inicia a fabricação de aparelhos de TV no Brasil – os televisores Invictus.

O fato de ter sido o capital privado e, no caso, familiar, o instrumento de implantação da TV no Brasil, não implica que esta não tenha já nascido dentro de um oligopólio. Os Diários e Emissoras Associados, de propriedade de Assis Chateaubriand eram, já o dissemos, um império, uma grande cadeia de órgãos de divulgação que “chegou a compreender quase 100 empresas, sendo 33 jornais, 25 emissoras de rádio, 22 emissoras de televisão, uma editora, 28 revistas, duas agências de notícia, três empresas de serviço, uma de representação, uma agência de publicidade, duas fazendas, três gráficas e duas gravadoras de disco”.<sup>15</sup>

A partir de meados da década de 1940, a cidade de São Paulo vivia um momento de efervescência cultural e artística. Destacam-se nesse período, entre outras iniciativas, a criação do MASP (Museu de Arte de São Paulo) em 1947, capitaneada pelo próprio Assis Chateaubriand; a formação do TBC (Teatro Brasileiro de Comédia) – companhia em que atuavam, entre outros, Cacilda Becker, Tonia Carrero, Maria Della Costa, Sérgio Cardoso, Paulo Autran, Fernanda Montenegro, Wal-

---

<sup>14</sup> Ver: SIMÕES, Inimá. *Op. cit.*, p. 24

<sup>15</sup> Ver: MACEDO, C., FALCÃO, A. e ALMEIDA, C.J.M.. *Op. cit.*, p. 266

mor Chagas, Gianfrancesco Guarnieri e Raul Cortez<sup>16</sup>; o início das Bienais Internacionais de Artes Plásticas e; início das atividades da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, em 1949, em São Bernardo do Campo. A Vera Cruz tinha como lema “produção brasileira de padrão internacional” e repetia o *slogan* “do Planalto abençoado para as telas do mundo” apregoando um cinema adepto aos padrões hollywoodianos, bastante distante do tom paródico e debochado que vigia nas chanchadas cariocas da Atlântida.<sup>17</sup>

Lembremos que São Paulo era então o maior mercado consumidor do país, mas a sede cultural e política do país era a cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Em São Paulo vivia uma burguesia, especialmente industrial, que se enriquecera ao longo das décadas de 1930 e 1940. Foi essa burguesia que financiou esse *boom* cultural na cidade de São Paulo nos anos 1940 e 1950. Diferentemente do Rio de Janeiro em que o poder público era o motor principal das iniciativas artísticas e culturais, em São Paulo essas iniciativas foram promovidas pelo capital privado. Neste contexto, não é de se estranhar que a TV Tupi tenha sido também uma “aventura do capital privado”.

Pode-se ver esse momento como se a burguesia paulista, animada com a redemocratização do país depois do fim do Estado Novo (1937-1945), mas consciente das derrotas das Revoluções de 1930 e 1932, buscasse

---

<sup>16</sup> Ver: PRADO, Décio de Almeida. **O Teatro Brasileiro Moderno**. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1988, p. 43 a 63.

<sup>17</sup> Ver: RAMOS, Fernão (org.). **História do Cinema Brasileiro**. São Paulo: Art Ed., 1987, p. 203 a 235.

imprimir seus traços e salientar sua força e sua identidade com uma produção cultural forte.

“...talvez se trate de uma forma de compensação, no campo cultural, da perda da hegemonia política e econômica. Na impossibilidade de impor outra coisa, a arte e a cultura são formas possíveis de tentar impor à sociedade uma visão do mundo (...) Ou talvez ainda a burguesia precisasse desse aparato exterior de refinamento, tanto quanto de cadilaques ou de palacetes, para convencer a si própria de seu vigor. E nesse caso, a veleidade da criação de uma cultura própria talvez tenha sido tanto necessária quanto não correspondia a nenhum poder efetivo”.<sup>18</sup>

Não é de se estranhar também que Assis Chateaubriand tenha, para a instalação da TV Tupi, recorrido a conselhos e comprado equipamentos de origem norte-americana. No período pós Segunda Grande Guerra Mundial houve um reordenamento da economia mundial que consolidou a hegemonia dos EUA (onde a TV funcionava regularmente desde 1941) em detrimento, especialmente, da Inglaterra. É nesse novo quadro da ordem econômica mundial que as televisões começaram a surgir nos países sub-desenvolvidos.

---

<sup>18</sup> GALVÃO, Maria Rita. **Burguesia e Cinema: O Caso Vera Cruz**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ Embrafilme, 1981, p.18-19.

Em 1957 havia dez emissoras de televisão no Brasil. Em 1959, além de São Paulo e Rio de Janeiro, havia emissoras televisivas também em Belo Horizonte, Porto Alegre, Ribeirão Preto e Bauru.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> ORTIZ, Renato, BORELLI, Silvia e RAMOS, José Mário. **Telenovela. História e Produção**. São Paulo: Brasiliense, 1991, 2. ed., p. 56.



---

# Década de 1960: a chegada do video tape

Sandra Reimão

---



“... tenho uma certeza: a de que a canção pode dar às pessoas algo mais que distração e deleite. A canção popular pode ajudá-las a compreender melhor o mundo onde vivem...”

Nara Leão, no *show Opinião*, 1964 (citado por José R. Tinhorão em **Pequena História da Música Popular**, São Paulo: Art Editora, 1986, p. 242)

“só tenho você  
no meu pensamento  
e a sua ausência  
é todo o meu tormento  
quero que você  
me aqueça neste inverno  
e que tudo mais  
vá pro inferno...”

**Quero que Vá Tudo pro Inferno,**  
de Roberto e Erasmo  
Carlos, lançada em 1965

“sem lenço sem documento  
nada no bolso ou nas mãos  
eu quero seguir vivendo  
amor  
eu vou  
porque não? por que não?”  
**Alegria, Alegria**, de Caetano Veloso,  
4º lugar no III Festival da MPB, Record, 1967

“A certeza na frente, a história na mão  
Caminhando e cantando e seguindo a canção  
Aprendendo e ensinando uma nova lição  
Vem, vamos embora  
Que esperar não é saber  
Quem sabe faz a hora  
Não espera acontecer”  
**Prá não dizer que não falei das flores** (Caminhando),  
Geraldo Vandré, Gravado ao vivo no  
Maracanãzinho, Rio de Janeiro, 1968, pela RGE/Fermata

Em um artigo de 1979, quando a TV brasileira contava com 29 anos de idade, Sérgio Caparelli<sup>1</sup> aponta que a história da TV no país pode ser dividida em duas grandes fases: uma que iria de 1950 a 1964 e outra que teria se constituído e consolidado a partir desta data.

Na primeira fase esse meio de comunicação concentrava-se, inicialmente nas cidades do Rio de Janeiro e em São Paulo; a programação apresentava fortes tonalidades locais e não contava ainda com um amplo público. Na segunda fase encontramos a TV espalhada por vários pontos do território nacional; verifica-se a grande importação de programas estrangeiros e o *video tape* faz com que produção nacional se concentre no Rio e em São Paulo. A TV Tupi foi a líder da primeira fase e, a Rede Globo de Televisão, hegemônica na segunda. Três fatos pontuam a transição entre essas duas fases: o declínio da Tupi, o acordo Globo – grupo Time/Life e a ascensão e queda da TV Excelsior.

No ano de 1965 estava em início esse processo de transição. Cinco emissoras transmitiam em canais abertos em VHF, para a cidade de São Paulo: Canal 2 – TV Cultura; Canal 4 – TV Tupi ; Canal 5 – TV Paulista; Canal 7 – TV Record e Canal 9 – TV Excelsior.

Os cinco canais atuantes na cidade de São Paulo em 1965 eram privados. E esse será o perfil dominante na televisão brasileira. O que não impediu, e não impede, que em alguns momentos tenha havido,

---

<sup>1</sup> CAPARELLI, Sérgio. “Influências sobre a Televisão” In **Comunicação de Massa Sem Massa**. São Paulo: Summus, 1986, p.11 a 22.

e haja, uma grande vinculação entre algumas emissoras e o Estado Brasileiro. Note-se que a TV Cultura – Canal 2 era, então, também um canal privado pertencente ao grupo Emissoras Associadas. (A TV Cultura de São Paulo, TV pública veiculada graças à dotação do Estado de São Paulo, só terá o início regular de sua programação em 1969).<sup>2</sup>

Na terceira semana de março de 1965, que vamos utilizar aqui como amostra da programação nesse período, enfocando apenas os ‘dias de semana’ - de segunda a sexta-feira, dias 15 a 19, das 19 às 22 horas-tendo como fonte o jornal **O Estado de São Paulo**, encontramos a seguinte programação na TV Tupi:

---

**Tupi – Programação de 15 a 19 de março de 1965:**

---

19h00	novela ( <b>O Mestiço</b> )
19h35	<b>Opinião Esportiva</b>
19h45	telejornal ( <b>Repórter Esso</b> )
20h00	novela ( <b>Teresa</b> )
20h30	<b>O Fugitivo</b> (segunda) <b>As Enfermeiras</b> (terça) <b>Hong Kong</b> (quarta) <b>Rota 66</b> (quinta) <b>Clube dos Artistas</b> (sexta)
21h30	novela ( <b>O Direito de Nascer</b> )
22h05	<b>Grande Musical</b> (segunda) <b>O Ponto Crítico</b> (terça) <b>3 Vezes Bossa</b> (quarta) <b>O Homem Invisível</b> (quinta) <b>Musical 4</b> (sexta)

encerrando a programação do horário nobre, mais um telejornal, entrando entre 22h40 e 23h00.

---

<sup>2</sup> Ver: LEAL Filho, Laurindo. **Atrás das Câmeras**. Relações entre Cultura, Estado e Televisão, São Paulo: Summus Editorial, 1988, p. 31.

No núcleo do horário nobre, entre 20 e 22 horas, temos então duas novelas e um dos vários seriados estrangeiros que fizeram época e marcaram a memória coletiva daqueles anos. Nos dias de semana, apenas na sexta, talvez por ser considerada ‘noite de luxo’, o horário das 20h30 era ocupado por um programa nacional, ficando assim a programação inteira, nessa noite, com produções brasileiras.

Na indicação da programação da TV Tupi citada acima, os nomes das telenovelas estão colocados entre parênteses pois eles não constavam da lista de programação que nos serviu de fonte. O mesmo se dando em relação aos outros canais. Tanto os nomes das telenovelas<sup>3</sup> quanto os dos telejornais, na sua maioria, não apareciam nas listagens de programação divulgadas no principal jornal diário do Estado, o que demonstra como a TV demorou para estruturar seus mecanismos de *marketing* de maneira mais ofensiva.

Nas noites de domingo a TV Tupi apresentava **TV de Vanguarda** – em geral, encenações de peças teatrais clássicas: Shakespeare, Goethe, Brecht, Pirandelo e dramaturgia brasileira. Não se tratava de uma mera transmissão de uma montagem teatral; o programa buscava adaptar as encenações à linguagem televisiva e ficou na história como “um dos momentos em que a TV Tupi obtém maior prestígio junto à elite intelectualizada” e, para muitos, será a própria definição da

---

<sup>3</sup> As novelas em questão foram localizadas através de FERNANDES, Ismael. **Telenovela Brasileira**. Memória, São Paulo: Brasiliense, 1994, 3. ed. Esse livro é fonte de todas as demais referências a novelas nesse capítulo, salvo indicações em contrário.

TV dos anos 50<sup>4</sup> , uma TV tida como ‘culturalista’ e até, ‘acusada’ por alguns, de ‘elitista’.

Foi a Tupi que veiculou, de 7 de dezembro de 1964 a 13 de agosto de 1965, **O Direito de Nascer**, em sua primeira versão para a televisão brasileira. Escrita pelo cubano Felix Caignet em 1946 e adaptada para a TV por Talma de Oliveira e Teixeira Filho, foi o primeiro grande sucesso de uma novela na TV brasileira, estabelecendo-se como paradigma da novela ‘lacrimosa’. A melodramática história que penetrou fundo no universo emocional dos telespectadores contava a trajetória de Albertinho Limonta, filho de mãe solteira que se torna freira, e cruelmente renegado pelo avô. Tendo sido criado por uma mãe adotiva negra, a mãe Dolores, após reviravoltas, Albertinho salva a vida do avô que o desprezara e ainda conquista a amada – Isabel Cristina.

Se foi da Tupi o maior sucesso de novelas desse período, cabe à Excelsior o marco de ter lançado a primeira novela diária da TV – **2-5499 Ocupado** – de julho a fins de setembro de 1963, às 19 horas, com Glória Menezes, Tarcísio Meira, Lolita Rodrigues, Neuza Amaral e outros. O texto e o diretor eram argentinos. Gravada em *video tape* **2-5499 Ocupado** contava a história de uma presidiária (Glória) que trabalhava como telefonista e se apaixona pela voz de um desconhecido. Com essa novela a Excelsior inaugura a idéia de uma programação horizontal, que viria a se consolidar, em outras emissoras a partir de **O Direito de Nascer**.

---

<sup>4</sup> SIMÕES, Inimá F. *Op.cit.* (nota 1), p. 58

Anteriormente a **2-5499 Ocupado** a TV brasileira já veiculara cerca de 160 novelas<sup>5</sup>, transmitidas duas ou três vezes por semana, ao vivo, com duração média de vinte minutos. A primeira dessas telenovelas não diárias foi **Sua Vida Me Pertence**, de Walter Foster, que estreou em 1951 na TV Tupi. No entanto foi só com as transmissões diárias que a telenovela passou a ser “mania” nacional e inicia a configuração daquilo que se denomina “novela brasileira”.

A TV Tupi abrigou também, ainda nos anos 60, mais um marco de renovação da novela brasileira e uma referência essencial na constituição da identidade desse produto nacional: **Beto Rockfeller**, transmitida de 04.11.1968 a 30.11.1969. Linguagem coloquial, interpretação natural, diálogos ágeis, pequenas histórias do dia-a-dia e um protagonista que é um anti-herói – um alegre e simpático jovem pobre atrás de um “golpe do baú” que pudesse “ajeitar” sua vida e seu futuro – são os ingredientes essenciais dessa narrativa. **Beto Rockfeller** foi antecedida por outras tentativas de novelas mais “realistas” e mais próximas do cotidiano, entre as quais destaca-se **Antônio Maria**, de Geraldo Vietri (Tupi – 1968) – com Sérgio Cardoso no papel-título.

Contextualizando a novela **Beto Rockfeller** e outras produções análogas, Renato Ortiz e Silvia Borelli destacam um tópico relevante: a conexão desta novela com o seu momento. Citando:

<sup>5</sup> Tomando como referência as novelas veiculadas na cidade de São Paulo. Ver: ORTIZ, Renato e outros. **Telenovela. História e Produção**, São Paulo: Brasiliense, 1991, 2. ed., p. 51 (Os autores estão, neste tópico utilizando como fonte documentos do Idart)

“Se a novela, no início da década, constituía uma produção cultural afastada das propostas da cultura brasileira (...) temos agora uma aproximação com a atmosfera cultural do final dos anos 60” – cotidiano urbano, música “jovem”, sociedade modernizando-se, reprodução de fatos e fofocas retiradas de revistas e jornais da época, citações de histórias em quadrinhos, referências a programas de rádio e TV.<sup>6</sup>

As novelas da Tupi disputavam audiência com as novelas da Excelsior que as apresentava nos horários das 19h, 19h30 e 21 horas. Na semana de 15/03/1965 as novelas na Excelsior eram respectivamente: **Ainda resta uma esperança**, **A Indomável** e **A Ilha dos Sonhos Perdidos**. Nessa semana encontramos também, além das novelas e dos telejornais, sempre às 20h00 um *show* musical e/ou humorístico: **My Fair Show**, **A Fabulosa Dercy**, **Vovô Deville** (com Stanislaw Ponte Preta), **Times Square** e **A Grande Revista**. Às 21h30 um seriado estrangeiro como **Ben Casey** e **Dr. Kildare**. A noite de domingo era ocupada das 19 às 21 horas por **Bibi Sempre aos Domingos**.

A TV Excelsior foi criada em 1959 e teve sua concessão cassada em 1969. Muito se discute sobre os vínculos entre essa emissora e os governos anteriores ao regime militar assim como a perseguição e os golpes deferidos por este regime à família de Wallace Simonson, proprietária da emissora, e à empresa.<sup>7</sup> Conside-

<sup>6</sup> ORTIZ, Renato e outros. *Op. cit.*, p. 78 a 80.

<sup>7</sup> Ver: entre outros, COSTA, Alcir H. da. “Rio e Excelsior: projetos fracassados?” In COSTA, A.H., SIMÕES, I.F., e KEHL, M. R. **Um País no Ar**, São Paulo: Brasiliense/Funarte, 1986.

rada nacionalista a Excelsior tinha uma programação baseada no jornalismo, novela e humorismo.

A emissora detentora atualmente dos maiores índices de audiência no país – Rede Globo de Televisão – não atingia São Paulo em 1965. A Globo iniciou suas atividades no Rio de Janeiro em abril de 1965 e, em São Paulo, em 1966, com a compra da TV Paulista – Canal 5. E só conquistará a liderança absoluta de recepção nos anos 70. Na TV Paulista em março de 1965, aos domingos, no horário das 11 às 17 horas, tinha-se o programa **Silvio Santos**. Desde 1962 este apresentador estava na TV Paulista, inicialmente com um *show* de duas horas denominado **Vamos Brincar de Forca?** Em 1966 com a incorporação da TV Paulista pela Globo, Silvio Santos passa então a trabalhar para essa emissora e seu programa passa a ter quatro horas de duração sendo rebatizado como **Música e Alegria**<sup>8</sup>. Inicialmente a Globo investiu em uma programação de perfil popularesco em um esforço de “Ibope a qualquer preço”<sup>9</sup>. Em São Paulo, por exemplo, além do programa de Silvio Santos, a emissora apresentava, em fins dos anos 60, **O Homem do Sapato Branco**, no qual pessoas simples apresentavam suas mazelas e lamentavam seus infortúnios para o apresentador Jacinto Figueira Junior.

---

<sup>8</sup> Lima, F. B., Priolli, G., e Machado, A.. **Televisão e Vídeo**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 29.

<sup>9</sup> Ver: SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito Além do Jardim Botânico**. Um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores, São Paulo: Summus, 1985, p. 31.

“A princípio, a inauguração da TV Globo não representou nenhuma ameaça às outras emisoras de televisão já estabelecidas. (...) A virada da Globo se dá no começo de 1966, com uma mudança na concepção do que poderia ser o veículo televisão: a emissora deixa de ser dirigida por gente do meio artístico e jornalístico e passa a ser comandada por homens de publicidade e *marketing*, tendo na cabeça Walter Clark, homem que pensou a televisão em termos de indústria da propaganda. A partir de então, a Globo passou a ser dirigida por critérios que os atuais ideólogos da emissora qualificam como ‘profissionais’, ou seja: pensada prioritariamente como empreendimento comercial (...) No Rio, a audiência da Globo cresceu de 28% em 1965 para 49% em 68. Em 66, ela já tinha passado à frente das outras emisoras. Em São Paulo, a conquista foi mais lenta. Em 67, a Record tinha a liderança de audiência. Em 68, a Globo põe seu primeiro programa entre os dez mais assistidos pelos paulistanos: o programa *Silvio Santos, aos domingos*”.<sup>10</sup>

Por trás dessa ascensão da Globo, encontra-se o controvertido acordo de cooperação entre esta emissora e o grupo norte americano Time-Life – uma sociedade que implanta o modelo comercial que passa

---

<sup>10</sup> KEHL, Maria Rita. “Eu vi um Brasil na TV” In da COSTA, A. H., SIMÕES, I.F. e KEHL, M. R.. *Op. cit.*, p. 174 e 176.

a vigorar na empresa. Acertado em 1962 esse acordo gerou uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) em 1966 e, em 1969, foi considerado ilegal pelo então presidente Costa e Silva. Em 1975 a Globo acabou de saldar suas dívidas e se nacionalizou.<sup>11</sup>

Em meados dos anos 1960 quem também disputava a luta com a Tupi pela audiência era a TV Record, inaugurada em São Paulo em setembro de 1953 e comandada por Paulo Machado de Carvalho.

Em março de 1965, diferentemente das outras emissoras, a Record não contava com um telejornal diário, e às 20h30 apresentava uma 'novela humorística' – **Quatro Homens Juntos** – com José Vasconcelos, Ronald Golias, Chocolate, Monsueto, Zilda Cardoso, Anilza Leoni, Jacyra Silva e Adoniran Barbosa. "Primeira novela humorística da televisão brasileira. O texto buscava parodiar os acontecimentos que ganhavam destaque na época. A TV Record, sem elenco para entrar no páreo das novelas, utilizava seu *cast* de humoristas para essa produção. Já imaginaram José Vasconcelos e Ronald Golias juntos?"<sup>12</sup>. Às terças-feiras, antes da novela, **Jô Show** e às quartas, depois da novela, **Zeloni** – programas humorísticos.

A partir de meados de 1965 a Record começou a linha de programação com a qual reconquistou a audiência (por algum tempo) e marcou a história da TV brasileira – os programas de música que farão da

---

<sup>11</sup> Ver: idem, p. 180 a 188.

<sup>12</sup> Ver: nota 20.

emissora “uma vitrine perfeita do que acontecia na Música Popular Brasileira”.<sup>13</sup>

**Jovem Guarda** teve início em 22 de agosto de 1965 e dominou as tardes de domingo até janeiro de 1968 com a ingênua rebeldia do “iê-iê-iê” nacional<sup>14</sup>. **Jovem Guarda** era transmitido ao vivo para São Paulo, a partir do Teatro Paramount, e retransmitido no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife através de *video tape*.

Este sistema de envio de *video tapes* ainda não pode propriamente ser chamado de rede. Só se pode falar, a rigor, em redes televisivas com a implantação do Sistema Nacional de Telecomunicações da Embratel, sistema de microondas que entra em operação a partir de 1967. Em 1969 esse sistema incorporou-se à rede mundial para transmitir a chegada do homem à Lua.

Criado para preencher a programação vespertina dos domingos da Record uma vez que a Federação Paulista de Futebol proibira a transmissão ao vivo das partidas, o programa **Jovem Guarda** foi um sucesso instantâneo. Roberto Carlos, que foi convidado depois de uma recusa de Celly Campelo, dividia o comando com Wanderléa “encarnando o ideal da mulher ativa, meiga, sensual e aparentemente liberada das imposições familiares e da repressão sexual”<sup>15</sup> e com Erasmo Carlos que encarnava a figura do “macho”.

---

<sup>13</sup> MEDEIROS, Paulo de T. C.. **A Aventura da Jovem Guarda**, São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 36

<sup>14</sup> Ver: FELICIANO, Fátima. “Jovem guarda, 30 anos do primeiro fenômeno pop musical de massa no Brasil” IN Revista **Comunicação & Sociedade** n° 24. São Bernardo do Campo, IMS, dez. 1994.

<sup>15</sup> MEDEIROS, Paulo de Tarso C. *Op. cit.*, p. 39.

Comentado o programa, Paulo de Tarso Medeiros salienta: “Para quem assistia de casa, talvez Roberto, Erasmo e Wanderléa tenham aparecido como os modernos conciliadores de um tempo em transformação. Jovens rebeldes, tá certo, mas acima de tudo bons moços. Simpáticos roqueiros de boa índole. Um tanto atrevidos, talvez. Mas digestíveis, enfim”.<sup>16</sup>

Abordando a letra da música **Candinha** Paulo de Tarso Medeiros chega ao cerne da temática das canções da turma da Jovem Guarda nesse período:

“Ocorre que, centrando-se no tema da sedução da mulher pelo homem, as canções da Jovem Guarda deixam escapar, nelas mesmas, o conteúdo ambíguo desta preocupação. De um lado, dando voz a pulsações do jogo amoroso normalmente interditas ao discurso e à prática social, as canções têm o poder de desvelar vários níveis reprimidos dos sentimentos. De outro lado, elas dizem que essa ultrapassagem de alguns valores morais arcaicos (sem a qual o jogo amoroso que elas desejam não se realiza) não implica questionar a sociedade, que mantém o anti-jogo sob controle”.<sup>17</sup>

Em termos de programas televisivos musicais o antagônico a esse “iê-iê-iê” individualista e no fundo bem comportado (em suma, “alienado”, para usar um termo da época), era representado pelo engajamento de **O Fino da Bossa**, comandado por Elis Regina e Jair Rodrigues, também na Record, a partir de maio

---

<sup>16</sup> Idem, p. 48-49

<sup>17</sup> Idem, p. 53.

de 1965 – “porta-voz dos anseios nacionalistas da intelectualidade e da camada politizada das universidades”.<sup>18</sup>

A turma da **Jovem Guarda** e a turma de **O Fino da Bossa**, apesar de divergentes, atuavam juntas em **Essa Noite se Improvisa**. Programa-gincana das quintas-feiras à noite a partir de 1966, em que compositores, cantores e artistas em geral, deveriam, a partir de uma palavra anunciada por Blota Júnior, tocar uma campainha e cantar uma música em que aquela palavra aparecesse. Chico Buarque era o campeão e o preferido do público. Entre os concorrentes assíduos, Roberto Carlos, Elis Regina, Miele, Elizeth Cardoso e Carlos Imperial.<sup>19</sup>

Um momento privilegiado desse confronto musical foram os históricos festivais de música popular. O primeiro deles, da TV Excelsior, foi vencido por Elis Regina interpretando **Arrastão** de Edu Lobo e Vinícius de Moraes. Em 1966, no Teatro Record, o histórico empate, no primeiro lugar, entre a “apaziguadora e sonhadora” **A Banda**, de Chico Buarque, interpretada por Nara Leão e Chico Buarque e a “denuncista e participante” **Disparada**, de Geraldo Vandré e Theo de Barros.

No festival Record 1967 outra oposição se instaurou: entre uma visão nacional-popular do país e da história e uma visão paródico-carnavalesca<sup>20</sup>. A primeira delas representadas por **Ponteio**, de Edu Lobo (1º lugar) e **Roda Viva**, de Chico Buarque (3º lugar)

---

<sup>18</sup> Idem, p. 37.

<sup>19</sup> Ver: ESQUEZANI, Rose. **No Túnel do Tempo**. Uma memória afetiva da televisão brasileira. Pará: Artes e Ofícios, 1993, p. 53-55.

<sup>20</sup> Ver: WISNIK, José M. . “Algumas questões de música e política no Brasil” IN Bosi, A., **Cultura Brasileira**. Temas e Situações, São Paulo: Ática, 1987.

e a segunda por **Domingo no Parque**, de Gilberto Gil, e **Alegria, Alegria**, de Caetano Veloso (2º e 4º lugares, respectivamente) – “certidões de nascimento” do Tropicalismo musical.

**Tabela 1 – TV – Audiência em São Paulo (em %)**

ano	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69
Cultura	–	8	6	5	3	5		3	–	3
Tupi	33	35	35	29	28	45		17	14	21
Paulista	21	17	16	9	8	6		–	–	–
Globo	–	–	–	–	–			17	23	30
Record	37	42	39	36	29	25		29	33	24
Excelsior	–	8	11	34	39	39		29	28	22
Bandeirantes	–	–	–	–	–	–		14	12	5

Fonte: Estudos Marplan. Citado por: Luis Eduardo Potsch de Carvalho e Silva, **Estratégia Empresarial e Estrutura Organizacional nas Emissoras de Televisão Brasileiras** (1950 a 1982). São Paulo: EAESP, Fundação Getúlio Vargas, 1982, p. 201. Mimeo. Obs: taxas obtidas a partir de resposta à questão: “Que emissora assistiu ontem?”.

Em termos de audiência, na primeira metade dos anos 1960, a TV brasileira pode ser considerada como estando em uma situação de concorrência, ao contrário do que se seguirá dos anos 1970 até hoje com a larga hegemonia da TV Globo. Excelsior, Tupi e Record alternavam suas posições na preferência do telespectador.

Se tomarmos o total das 140 horas transmitidas pelos cinco canais em atuação na cidade de São Paulo na terceira semana de março de 1965 no horário nobre, teremos a seguinte distribuição em relação às categorias dos programas (tabela 2).

Quanto aos gêneros dos programas, do total das 140 horas de programação transmitidas pelos cinco

**Tabela 2 – TV – 1965 – Programação por Categoria**  
(amostra- SP -3ª semana março)

Cultura	Tupi	Paulista	Record	Excelsior	total	
informativo	1h55	2h20	2h10		1h50	8h15
entretenimento	14h40	23h05	18h30	27h40	24h10	108h05
educativo	4h00		4h00		8h00	
especial						
entretenim/infor.	1h30			0h20	0h30	2h20
entretenim/educ.	0h25	0h20			1h30	2h15
outros	6h30	2h15	3h20			12h05

obs: cálculos efetuados a partir da programação publicada no jornal **O Estado de São Paulo**

canais em São Paulo na terceira semana de março de 1965, localizamos, como gêneros mais presentes: filmes e seriados (cerca de 32 horas e 5 minutos); programas de auditório/ *shows*/ variedades (cerca de 30 horas e 45 minutos); novelas (cerca de 19 horas e 20 minutos); programas esportivos (cerca de 5 horas e 45 minutos) e telejornais (cerca de 5 horas e 25 minutos). Não nos foi possível especificar, nessa amostra, o gênero de 25 horas de programas.

Em relação à origem da programação, tomando as 140 horas transmitidas no horário nobre na semana que estamos utilizando como amostra em 1965, verificamos que cerca de 61% da programação é de origem nacional. (Das 140 horas em questão, desconhecemos a origem de 16 horas e 20 minutos e localizamos 38 horas de programas não brasileiros)

O telejornal do horário nobre da Rede Tupi era, em nossa semana amostra, o sempre lembrado **Repórter Esso** – que ficou no ar de abril de 1952 a

dezembro de 1970. O lema inicial desse noticiário, “o primeiro a dar as últimas”, foi logo substituído por outro que se tornou um marco: “**Repórter Esso**, a testemunha ocular da história”. Adaptando uma fórmula que vinha do rádio - Rádio Nacional onde era apresentado por Heron Domingues – esse telejornal, que teve como principal apresentador Gontijo Teodoro, foi líder nos anos 50 e começo da década de 60.

Em setembro de 1969, em um momento de endurecimento do regime militar e da censura que já intimidava os telejornais desde outubro de 1965<sup>21</sup>, estreou, pela Rede Globo de Televisão, o **Jornal Nacional**.

Segundo Carlos Eduardo Lins da Silva, o **Jornal Nacional** inaugurou um novo estilo de jornalismo na TV brasileira, e isso por cinco fatores: 1) “por iniciar a era do jornal em rede nacional”; 2) “por consolidar um modelo de *timing* da informação em que a fragmentação dos fatos em espaços de tempo curtíssimos e a obsessão pelo que ocorre ‘agora’ é tão grande que chega ao ponto de quase eliminar informações de *background* que ajudariam o espectador a localizar-se”; 3) “porque consagrou um estilo de apresentação visual requintado e frio, pretensamente objetivo”; 4) “pela extensão dos assuntos abrangidos, com a instalação de escritórios no Exterior, correspondentes em diversos países e em praticamente todos os Estados”; 5) “Finalmente, por ter-se transformado no principal

---

<sup>21</sup> Ver: NOGUEIRA, Armando. “Telejornalismo I – A Experiência da Rede Globo”  
In MACEDO, C., FALCÃO, A., e ALMEIDA, C. J. M. *Op cit.*, p. 86.

e, na maioria dos casos, único meio de informação dos brasileiros, sua ponte com o País e o mundo".<sup>22</sup>

Esse último fator assinalado – a falta de concorrentes de igual estatura ou de estatura próxima à Globo e portanto seu monopólio como fonte de informação de grande parcela da população – é um dado que nos conduz ao ponto central da segunda grande fase da história da TV brasileira que se dá a partir dos anos 70: a hegemonia da Rede Globo de Televisão.

---

<sup>22</sup> SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Op. cit.*, p. 38.

---

# Década de 1970: consolidação da liderança da Rede Globo

Ana Carolina Temer e  
Claudia Guerra Monteiro



“Caía

a tarde feito um viaduto  
e um bêbado trajando luto  
me lembrou Carlitos  
(...)

louco  
e bêbado com chapéu-côco  
fazia irreverências mil  
pra noite do Brasil

meu Brasil...

que sonha  
com a volta do irmão do Henfil  
com tanta gente que partiu  
num rabo de foguete

Chora  
a nossa pátria-mãe gentil  
choram Marias e Clarisses  
no solo do Brasil

Mas sei  
que uma dor assim pungente  
não há de ser inutilmente  
a esperança dança  
na corda bamba de sombrinha  
em cada passo dessa linha  
pode se machacar

Azar,  
a esperança equilibrista  
sabe que *show* de todo artista  
tem que continuar”

**O Bêbado e o Equilibrista**, de João Bosco e Aldir Blanc,  
gravado por Elis Regina no LP **Elis, essa mulher**, 1979

## Milagre e crise

Em 1969 o General Emílio Garrastazu Médici assumiu a presidência do “País do Futuro”- o Brasil continental com 90 milhões de habitantes. A década de 1970 começava com grandes expectativas: o Brasil seria (finalmente) um país plenamente desenvolvido. Havia, é claro, problemas graves, como: uma dívida externa crescente, repressão e censura.

Nos primeiros anos da década de 1970 vivia-se o período mais duro da ditadura militar implantada em 1964 e agravada com o Ato Institucional n. 5 editado em 1968. Este ato dava poderes quase ilimitados ao Executivo, incluindo-se aí o de fechar o Congresso por tempo indeterminado. Em nome da Segurança Nacional e da caça a subversão comunista o Estado impôs um clima de repressão aos estudantes (através do Decreto n. 477), partidos políticos, sindicatos e outros setores organizados da sociedade. A violação dos direitos individuais, a prisão e a tortura dos presos políticos ou meros suspeitos aconteciam com freqüência. Os órgãos de comunicação estavam submetidos a censura, que assumia faces que iam do autoritário ao ridículo.

Para a maior parte da população porém, aqueles eram os anos do milagre econômico. Vivia-se também uma grande ilusão: a de ser o país do futuro, de estar ingressando no clube dos países plenamente industrializados. O sonho da casa própria parecia cada vez mais perto com os financiamentos do Banco Nacional da Habitação. A ambição incluía um carro e uma infindável lista de eletrodomésticos comprados a presta-

ção. Eram tempos de esperança: o Mobral prometia alfabetização para todos, o Telecurso de Madureza Segundo Grau prometia melhores condições de vida para os que se esforçassem e o acelerado crescimento do número de faculdades, principalmente privadas, assegurava aos jovens e a seus pais um diploma de terceiro grau e um futuro promissor. No Brasil de 1970, 80% dos lares urbanos tinham um aparelho de TV; a mulher estava conquistando um espaço no mercado de trabalho formal; o analfabetismo caiu de 39% para 29% e o número de estudantes universitário subiu de 100 mil para quase um milhão.<sup>1</sup>

Os outros números do “milagre” não apareciam nos jornais: massas de trabalhadores do campo estavam despojadas de direitos trabalhistas e migravam para as cidades; metade dos assalariados recebiam menos de um salário mínimo e o Brasil estava entre os primeiros do mundo em matéria de mortalidade infantil, subnutrição e acidentes de trabalho.

De meados ao final da década o panorama será outro. Já não se falava em esperança, mas em crise. A euforia foi substituída pela inflação e o tema do desemprego se tornou constante. Na política falava-se em abertura lenta e gradual e já se fala mais abertamente dos crimes cometidos pela repressão em nome da segurança nacional. A migração inchou as cidades e cresceu a violência urbana.

Em meados da década, tem-se a “Crise do Petróleo” – quando os países membros da Organização

---

<sup>1</sup> REIMÃO, Sandra. **Mercado Editorial Brasileiro**. São Paulo: Com-Arte/ Fapesp, 1996, p. 55.

dos Países Exportadores de Petróleo, suspenderam suas exportações em represália ao apoio do ocidente a Israel e o preço do produto triplicaram. A crise foi um grande golpe para o Brasil onde 70% do transporte de mercadorias e 92% do transporte de passageiros era feito por veículos movidos por derivados do petróleo.

Além disso, os juros no mercado internacional dispararam elevando a dívida a ser paga. Se o modelo já dava sinais de esgotamento, a combinação dos fatores da situação internacional com as características do “modelo brasileiro” teve como consequência direta e imediata o esgotamento do “milagre”. O resultado foi inflação, aumento do custo de vida, queda do valor do salário mínimo, arrocho salarial e demissões. No final da década entrou em cena o sindicalismo do ABC e a liderança de Luis Inácio Lula da Silva, evidenciando uma vigorosa rearticulação da sociedade.

O fim do milagre econômico começou a levantar o véu que escondia as contradições sociais e os desmandos políticos escondidos pela ditadura militar. Teve início então a abertura lenta, gradual e segura. Entre 1975 e 1978 a censura prévia a imprensa foi paulatinamente suspensa. O processo de redemocratização, no entanto, só terminaria na década seguinte, com a anistia ampla, geral e irrestrita e as eleições livres e diretas em todos os níveis.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> HABERT, Nadine. **A década de 70 – apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. São Paulo: Ática, 1992. Esse livro foi fonte também para os quatro parágrafos anteriores.

## TV via satélite e consolidação da Indústria Cultural

A história da TV brasileira na década de 1970 corresponde ao período de consolidação da Indústria Cultural no Brasil tendo a televisão como meio de comunicação mais influente.<sup>3</sup> O governo militar contribuiu para isso. Em parte como consequência de uma política de segurança nacional – o medo da penetração de guerrilhas com suas ideologias “subversivas” em pontos isolados do território nacional, mas principalmente como condição essencial para o sucesso do modelo econômico adotado a partir de 64, o Estado apostou na TV e no crescimento das redes de televisão. Investiu alto num sistema de microondas, depois nos satélites e, direta e indiretamente (através do crédito aos estados e prefeituras e da construção de grandes hidroelétricas), apostou na eletrificação. Também facilitou a implantação de fábricas nacionais de eletrodomésticos – entre os quais aparelhos de televisão – e facilitou a compra de receptores. Mesmo a importação de equipamentos para televisão era facilitada. Cacá Diegues, no filme **Bye, Bye, Brasil**, ilustra o sucesso desta política: quando seu personagem central chega nos confins da Amazônia, no meio da floresta rasgada pela rodovia Transamazônica, encontra “espinhas de peixe” – um modelo “moderno” de antena de televisão- nos telhados dos casebres.

---

<sup>3</sup> CARVALHO, Elisabeth e et al. **Anos 70: televisão**, Rio de Janeiro: Europa, 1980, p. 5.

A Rede Globo – ou as empresas Globo de Comunicação – foi quem melhor soube captar e tirar partido dessa política. Desde seu começo investiu alto na formação de uma rede. A RBS, no Sul do país, foi a sua primeira afiliada, seguida da TV Triângulo, no Triângulo Mineiro, e daí para as capitais estaduais foi um passo.

Entendendo que “televisão não é programa, é programação”, a Rede Globo investiu em conquistar a audiência da hora que entra no ar até o seu encerramento. Com uma programação centralizada, e pouco espaço para a produção local e regional, a Globo estabeleceu um padrão de qualidade que vai percorrer toda a sua programação. Esse padrão corresponde a uma planejada estratégia de *marketing*, que soma a uma eficiência empresarial uma comprovada competência técnica e uma atenção especial com as necessidades dos telespectadores. Não lhe interessa simples picos de audiência. Sua estratégia é fazer com que quem liga a TV liga na Globo, e permanece nela até desligar o aparelho. Um de seus trunfos é saber captar o sucesso obtido pelas outras emissoras, se apoderar deles e lhes imprimir o seu “padrão de qualidade”. Um exemplo: **Os Trapalhões**, que despontou na Tupi com seu humor circense, e foi para Globo quando se provou um sucesso de público.<sup>4</sup>

Sem se restringir às experimentações das concorrentes, a Globo reservava também horários para

---

<sup>4</sup> KEHL, Maria Rita. “Eu vi o Brasil na TV”. In COSTA, A. H., SIMÕES, I. F. e KEHL, M. R., **Um país no ar**, Rio de Janeiro: Europa, 1980, p. 77.

trabalhar novas opções de programação e investir num público mais elitizado. Às dez da noite, nos anos 1970, iam ao ar novelas sofisticadas, com temáticas fortes e linguagem que fugiam do convencional, como, **Bofe** (1972) e **O Rebu** (1974), ambas de Bráulio Pedroso, ou **O Grito** (1975), de Jorge Andrade.

No começo da década de 1970 a grande concorrente da Globo ainda era a Rede Tupi. Esta, dentro do esquema de Emissoras Associadas, dava grande liberdade de programação a suas afiliadas. O resultado foi a ausência de um padrão e os constantes atritos entre os diversos proprietários de emissoras locais e regionais.

Nos anos 1970 também cresceram outros âmbitos da indústria cultural no Brasil. Duas grandes empresas: a editora Abril e a Editora Bloch (essa última tendo como carro chefe a revista **Manchete**), se impuseram no mercado de revista. O mercado editorial atingiu o número de um livro/ano por habitante. Nada se compara, porém, ao vertiginoso crescimento da televisão. Pode-se dizer que, pelo contrário, a TV deu uma “mãozinha” para esses outros setores, seja através das revistas que comentam as novelas, seja através da valorização da cultura, que encontra espaço nas enciclopédias em fascículos.

**Tabela 1 – TV – Composição da Programação por Categoria – 1970**  
(amostra- SP – 3a. semana março)

CATEGORIA	CANAL							TOTAL	%
	2	4	5	7	9	11	13		
Informativo	7h50	2h05	4h	1h20	-	3h30	2h30	21h25	10,8
Entretenimento	1h17	23h55	24h	26h40	26h	21h30	25h10	148h02	75,5
Educativo	8h35	-	-	-	-	-	-	8h35	4,6
Especial	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ent/Informação	-	1h	-	-	-	-	-	-	-
Ent/Educação	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Inf/Educação	1h24	-	-	-	-	-	-	-	-
Outros	10h18	2h	-	-	2h	4h	0h20	18h38	9,3
<b>Total</b>	<b>28h</b>	<b>28h</b>	<b>28h</b>	<b>28h</b>	<b>28h</b>	<b>28h</b>	<b>8h</b>	<b>196h</b>	<b>100</b>

OBS 1: cálculos realizados a partir da programação indicada no jornal **O Estado de São Paulo**. OBS 2: As horas dos itens Ent/Informativo e Inf/Educativo não devem ser somadas pois já estão incluídas nos seus respectivos itens principais.

Quase todas as emissoras em 1970 começavam o horário nobre com uma novela (a exceção é a Record, que exibia **Os Três Patetas** às 19 horas). De um modo geral a faixa das sete as nove era dedicada as novelas, entremeadas pelo jornal (caso da Globo) ou seguida por ele (Tupi). A Excelsior não traz nenhum telejornal no horário nobre. No horário das 21 horas começam os *shows* e os programas de variedades. Nas emissoras de menor poder de investimento são usadas séries importadas, os enlatados, para ocupar esse horário. Pouco antes das dez alguns informativos voltam a ocupar espaço de forma tímida. São noticiários rápidos: **O Globo** em dois minutos, **Mappin Movietone** e o **Homem do Tempo**. Depois disso, às 22 horas

começam as novelas com temática forte (na Globo e Tupi) e mais séries americanas em outros canais.

## **A Programação da Televisão Brasileira em 1975**

O ano de 1975 trouxe ousadia e inovação para as telenovelas das oito, como, por exemplo, **Escalada** (de Lauro César Muniz) que contava a saga do personagem principal no decorrer de muitas décadas nas quais ele atravessava diversas derrotas aparentemente insuperáveis. A experiência mais radical neste horário, nos anos 1970, foi **Espelho Mágico** (Lauro Cesar Muniz, 1977), uma novela que pretendia desvendar os bastidores da Globo e trazia no seu interior uma metanovela. A idéia deu um “nó na cabeça” do público e em termos de audiência se revelou um fracasso.

Na mesma época a Globo começou a investir em novelas baseadas em grandes nomes da literatura (que irão ocupar o horário das seis), nos casos especiais e, mais tarde, nas séries. A Globo expurgou dos seus quadros alguns nomes considerados por demais “popularesco”. A briga com o Sílvio Santos (que faz críticas à interrupção dos seus programas para a transmissão de corridas de fórmula um e jogos de futebol) vaza para o público, e Chacrinha sai da emissora por algum tempo. Chacrinha voltará ao ar poucos anos mais tarde, já com uma reputação de grande comunicador.

No gênero variedades algumas experiências são bem sucedidas. **Fantástico, O Show da Vida**, que

entrou no ar logo no início da década, foi um modelo inovador que se consagrou e que mais tarde será imitado por outras emissoras. Em princípio, seria o programa informativo do domingo – e dedicava boa parte do seu tempo às notícias. Aos poucos o espaço para variedades – que estava presente desde o início do programa – vai crescendo. Mesmo as reportagens vão se confundindo com as variedades: as novas descobertas médicas, as maravilhas da tecnologia, as proezas dos seres humanos, etc, são mostradas de forma tão fantástica que já não se pode dizer se é verdade ou fantasia.

Outra experiência bem sucedida é na linha de *shows*. O humor circense, que quase dominava completamente o horário, cede um pouco de espaço para shows bem elaborados, visualmente trabalhados na linha do teatro de revista e extremamente luxuosos. Um bom exemplo é o musical **Sandra e Miéle**, com Sandra Bréa e Miéle, que investiu em cenários trabalhados, roupas caras e sensuais e músicas com um toque de malícia. Ainda nesse espaço a Globo trabalha musicais dedicados a grandes nomes da música ou temas fixos.

Fora da Globo as mudanças são menos significativas. Chama a atenção, aliás, a ausência de mudanças, ou melhor, a presença, cinco anos depois, de alguns seriados que já estavam no ar em 1970.

**Tabela 2 – TV – Composição da Programação por Categoria – 1975**  
(amostra: São Paulo – 3ª semana março)

CATEGORIA	CANAL					TOTAL	%
	2	4	5	7	13		
Informativo	15h30	1h10	1h20	1h50	1h35	21h05	15,3
Entretenimento	2h50	26h50	26h40	26h10	26h25	108h45	77,5
Educativo	6h40	-	-	-	-	6h40	4,5
Especial	0h30	-	-	-	-	0h30	0,4
Ent/Informativo	2h	-	1h	-	-	-	-
Ent/Educativo	0h30	-	-	-	-	-	-
Inf/Educativo	4h55	-	-	-	-	-	-
Outros	3h					3h	2,3
<b>Total</b>	28h	28h	28h	28h	28h	140h	100

OBS 1: cálculos realizados a partir da programação indicada no jornal **O Estado de São Paulo**. OBS 2: As horas dos itens Ent/Informativo, Ent/Educativo e Inf/Educativo não devem ser somadas pois já estão incluídas nos seus respectivos itens principais. OBS 3: A programação da TV Cultura do sábado, dia 21, estava empastelada. Como fonte alternativa foi consultada a revista **Intervalo** (Editora Abril), n° 375, ano VIII.

## Novelas

A grande revolução das novelas brasileiras aconteceu ainda na década de 1960, com **Beto Rockfeller**, levada ao ar pela Tupi, como vimos no capítulo anterior. Se a Tupi não soube captar as possibilidades dessas mudanças, a Globo o fez.

No final de 1969 a Globo investiu em **Véu de Noiva**, de Janete Clair, com um enfoque mais voltado para a realidade brasileira e que a emissora anunciava como “novela verdade”.

Novas conquistas técnicas (como o *vídeo tape* e câmaras mais leves), foram rapidamente incorporadas

pela Globo e permitiram às novelas sair do estúdio e ganhar as ruas. O editor eletrônico iria levá-la ainda mais longe. Livre da tirania do eixo Rio-São Paulo a novela percorreu o país (ilustrando-o e apresentando-o aos seus moradores) e cumpriu com mais vigor o seu papel de integrar todo o Brasil.<sup>5</sup>A partir daí são explorados tipos e situações envolvendo homens e mulheres comuns, vindos de todo país e principalmente a classe média do Rio e São Paulo abastecidos por uma infinidade de objetos de consumo. Em 1973, quando a emissora começou a transmitir regularmente em cores, ela investiu ainda mais na melhoria do padrão visual e consolidou definitivamente o padrão Globo de qualidade.<sup>6</sup>

Com sua mentalidade empresarial, a emissora estabeleceu linhas de produção de comando unificado – os chamados núcleos de produção – que criaram padrões e estilos de novelas diferenciados a partir do horário a ser levado ao ar.

O projeto era e é sofisticado: a separação por horário pressupõe uma categorização do público por idade, sexo, classe social e expectativas com relação à programação. Esse critério atingia as quatro novelas que eram levadas ao ar diariamente: às 18, 19, 20 e 23 horas.

---

<sup>5</sup> KELH, Maria Rita. “Mil e uma noites para as multidões”. In CARVALHO, Elisabeth, *Op. cit.*, p. 52.

<sup>6</sup> “O chamado padrão Global na realidade corresponde a uma planejada estratégia de *marketing*, unindo eficiência empresarial, competência técnica e sintonização com as necessidades subjetivas dos telespectadores através de pesquisa”. MELO, José Marques de. **As telenovelas da Globo**. São Paulo: Summus, 1988, p. 18. Salvo indicação em contrário todas as outras informações sobre telenovelas foram extraídas de: FERNANDES, Ismael. **Telenovela brasileira. Memória**, São Paulo: Brasiliense, 1994, 3. ed.

No horário nobre, entre as 19 e 23 horas, estavam as duas principais novelas da emissora. Às sete horas ia ao ar, geralmente, uma comédia romântica. Menos “ousada” e experimental que a novela das dez horas, a novela das oito era e é vendida ao público como a mais trabalhada, a mais elaborada e a que tem maiores custos de produção.

A grande autora do horário das oito era Janete Clair. Nos anos 1970 a Globo veiculará dez novelas de sua autoria: **Irmãos Coragem** (1970), **O Homem Que Deve Morrer** (1971), **Selva de Pedra** (1972- reapresentada de forma compacta em 1975 em substituição a Roque Santeiro, primeira versão, que ficou retida pela censura), **O Semideus** (1973), **Fogo sobre Terra** (1974), **Bravo!** (1975), **Pecado Capital** (1975), **Duas Vidas** (1976), **O Astro** (1978) e **Pai Herói** (1979). Com exceção de **Bravo!**, que passou às 19 horas, todas as demais foram exibidas no horário das oito da noite.

Em 1975 a Globo exportou a telenovela **Gabriela** (novela de Walter George Durst, adaptação do livro homônimo de Jorge Amado, tendo Sonia Braga no papel-título) que foi exibida em Portugal. Um novo mercado se abriu, e despertou entusiasmo na direção da empresa. Logo a Globo passou a abastecer os países africanos de língua portuguesa (antigas colônias de Portugal). Em seguida vieram os países Sul Americanos, México e a Europa não Ibérica. Um sucesso que se espalha pelo mundo.

É importante assinalar que a conquista da primazia de audiência nas novelas do horário nobre foi

fundamental para o sucesso do principal telejornal da emissora o **Jornal Nacional**, “espremido” entre duas novelas esse telejornal é o espaço de tempo necessário para a dona de casa esquentar o jantar sem perder os capítulos das telenovelas.

No final da década de 1970 a Globo produz as **Séries Brasileiras**, entre elas **Carga Pesada**, **Plantão de Polícia** e **Malu Mulher** – esta última, uma abordagem feminista da vida de uma desquitada, foi um marco de modernização, sucesso de público e de crítica, além de ser exportada para diversos países como a Suécia e a Holanda. As séries ocupavam o espaço da novela das 10 e eram uma tentativa de conquistar o público mais sofisticado – um formato de ficção seriada já de olho nas possibilidades de exportação.

Se Janete Clair reinava como autora de novela das oito na Globo, na Tupi a rainha era Ivani Ribeiro assinando doze autorias nos anos 1970: **As Bruxas** (1970 – 20h depois alterado para 21h30 devido à concorrência com **Irmãos Coragem**), **O Meu pé de Laranja Lima** (1970 – 18h30), **Nossa Filha Gabriela** (1971 – 18h30), **O Leopardo** (1972 – 19h), **Camomila e Bem-me-Quer** (1972 – 18h30), **Mulheres de Areia** (1973 – 20h), **Os Inocentes** (1984 – 20h), **A Barba Azul** (1974 – 19h), **A Viagem** (1975 – 20h), **O Espantalho** (1977 – 21h, depois alterado para 23h), **O Profeta** (1978 – 20h), **Aritana** (1979 – 20h).

Década de grandes autores de telenovelas, merecem grande destaque ainda os nomes de: Dias Gomes, Walter Negrão, Lauro César Muniz, Geraldo Vietri, Bráulio Pedroso, Vicente Sesso, Benedito Ruy Barbosa,

Marcos Rey, Sérgio Jockyman, Dulce Santucci, Jorge Andrade e Gilberto Braga.

## ***Shows e programas de variedades***

Às 21 horas todos os dias da semana e um pouco mais cedo aos domingos, entravam no ar na Globo e na Tupi, as emissoras mais representativas da década, os *shows*, programas humorísticos e programas de variedades.

Nos anos 1970 a Globo reunia um grande elenco de humoristas. Chico Anísio, como até hoje, encabeçava um programa, em que expunha seus tipos característicos. Outros humoristas, como Jô Soares e Renato Corte Real, se revezavam em programas com quadros estanques, em que eram usados tanto “tipos” criados pelos humoristas quanto velhas piadas do rádio. A televisão, aliás, vai usar no humor uma estrutura já consagrada no rádio, ainda que adaptada de forma a usar piadas curtas, anedotas rápidas e visualmente trabalhadas pela mesa de corte para dar maior impressão de agilidade.<sup>7</sup>

Os programas de variedades são um gênero difícil de definir: englobam um pouco de tudo: música, humor circense e popularesco, o humor um pouco mais refinado da sátira política (bastante limitada em função da censura), teatro de revista, comentários, circo, e até um pouco de documentário. É difícil colocar no

---

<sup>7</sup> RIBEIRO, Santuza Naves e BOTELHO, Isaura. “Show, a coreografia do milagre”. In CARVALHO, Elisabeth, *Op. cit.*, p.79.

mesmo “balaio” **Hebe, Chacrinha, Sílvio Santos, Flávio Cavalcanti, J. Silvestre e Clube dos Artistas.**

**Flávio Cavalcanti**, sempre de paletó e gravata, tentava passar uma imagem de respeitabilidade e reforçava-a falando constantemente da família e dos amigos. **Chacrinha** era espalhafatoso, abusando do colorido advindo de nossas raízes populares. **Sílvio Santos** é uma mistura dos dois, mas mantém uma imagem sorridente, brincalhona e permanentemente otimista. **Hebe** é a anfitriã perfeita, alegre e atenciosa sempre um espaço aberto às boas causas.<sup>8</sup> **Flávio Cavalcanti e Chacrinha** atravessaram a década sem perder a popularidade. **Hebe Camargo e Sílvio Santos** sobrevivem até os dias de hoje e, mesmo com limitações, ainda mantêm um público fiel.

## Telejornalismo

Além do **Jornal Nacional**, o único a ocupar diariamente o horário nobre, a Globo produzia (produz) também o telejornal **Hoje**, que estreou em 1971, e o **Telejornal Internacional**. Esse, em função de alguns ajustes de horário, ocasionalmente ia ao ar antes da onze. Sob a liderança de Heron Domingues e marcado pelos comentários do folclórico Ibraim Sued, era considerado o jornal mais sério da casa, tendo até mesmo uma linha investigativa razoável (considerando os limites da ditadura, presente até mesmo nos horários mais avançados). Acabou sendo

---

<sup>8</sup> MICELI, Sergio. **A noite da madrinha**, São Paulo: Perspectiva, 1972.

substituído pela plasticidade esvaziada de conteúdo do jornal **Amanhã** apresentado por Sérgio Chapelin. No final da década, em 1977, foi ao ar o **Painel**, um telejornal que pretendia um modelo novo, com muitas entrevistas. Não durou muito. Foi substituído pelo **Jornal da Globo**, que existe até hoje.

Na categoria informativos a Globo lançou o **Globo Repórter**. Inicialmente fora do horário nobre, pretendia focar grandes temas e grandes reportagens. Passou para o horário das 21 horas, às terças-feiras e depois às sextas. A mudança de horário significou uma mudança nas temáticas do programa, que passou a focar principalmente grandes descobertas científicas e reportagens genéricas sobre retrospectivas históricas e grandes datas. Temas sempre distantes do dia-a-dia nacional, embora pouco a pouco fossem introduzindo matérias leves sobre costumes, hábitos populares e outros temas que não aborrecessem os censores. Reportagens sobre a poluição em Cubatão e incêndios em São Paulo, por exemplo, foram vetadas e permaneceram engavetadas.

Nas outras emissoras o telejornalismo da Globo fez escola e impôs um novo padrão estético – a falta de recurso, no entanto, deixava a cópia pobre e com cheiro de imitação. Poucas foram as tentativas de inovar. **Titulares da Notícia** da TV Bandeirantes chegou a colocar uma arara no estúdio, um pombo correio que trazia as últimas novidades e a dupla caipira Tônico e Tinoco apresentando as novidades do interior. O jornal **Perspectiva**, da Tupi, lançou o comentarista Artur da Távora, mas também foi uma

experiência de curta duração. A TV Cultura em São Paulo, com seu **A Hora da Notícia** conseguiu no entanto, se diferenciar das demais emissoras enfocando mais profundamente temas de interesse do telespectador. Esse modelo, no entanto, esbarrou na brutalidade da censura – que culminou no assassinato do jornalista Vladimir Herzog em 1975.

Em 1978, a Tupi lançou o **Grande Jornal**, um projeto ambicioso que pretendia integrar todas as emissoras da rede. Reunir 90 empresas e 22 proprietários mostrou-se porém uma tarefa quase impossível e o jornal saiu do ar.

## Educação e Cultura

A totalidade da programação educativa e a maior parte da programação voltada para uma cultura formal está concentrada no canal 2, a TV Cultura de São Paulo (atualmente ligada a Fundação Padre Anchieta).

A TV Cultura atravessou, na década de 1970, diferentes fases, ou tendências, que determinam a linha de sua programação.<sup>9</sup> A primeira proposta, no início da década, era opor-se a televisão comercial e sua programação “popularesca”. Foi elaborada uma televisão voltada para a cultura, centrada na apresentação de concertos, óperas e debates sobre temas cultos. Os baixos índices de audiência, no entanto, fizeram surgir no meio da década uma tendência mais

---

<sup>9</sup> LEAL FILHO, Laurindo. **Atrás das Câmeras – relações entre cultura, Estado e televisão**, São Paulo: Summus, 1988, p. 49

populista. Os dirigentes, embora inicialmente imunes a esse tipo de pressão, começavam a se incomodar com a acusação de estar utilizando o dinheiro público para fazer uma TV que poucos viam. Optou-se então por fórmulas consagradas no circuito comercial, como novelas e programas de auditório. Essa tendência seria superada no final da década, quando se buscou um ponto entre o popular e o elitista.<sup>10</sup>

## **Anos 1970: A década da Globo**

A década de 70 foi a década em que a Globo consolidou sua hegemonia como maior rede no país, obtendo grandes números no IBOPE em praticamente todos os horários. Conquistando um número cada vez maior de afiliadas, a Globo vai tornando-se cada vez mais rentável e investiu em melhorias técnicas consideráveis, elevando a televisão brasileira a um nível somente comparável a alguns poucos países do primeiro mundo.

Ao lado das telenovelas, carro-chefe da produção da emissora, talvez outra grande novidade da década tenham sido os programas de quadros ágeis e rápidos, bem montados. Do humorismo aos musicais, eles faziam oposição ao velho modelo de um único cenário por onde desfilavam os convidados. A esse corte ágil somava-se uma nova concepção de espaço, introduzida por Hans Donner, com cenários visualmente

---

<sup>10</sup> O telejornalismo da TV Cultura tem uma dinâmica própria que não segue em paralelo com a proposta de programação mais geral da emissora.

limpos, imagens bem definida, vinhetas eletrônicas e sofisticadamente trabalhadas. A soma do corte ágil e cenários limpos deu uma personalidade aos programas da Globo. Ao contrário das outras emissoras, que tinham o “programa da Hebe” ou o “programa do Flávio Cavalcanti”, os programas da Globo tinham um padrão bastante próximo entre si. Poucos conseguiram sobreviver a essa pasteurização e homogeneização, talvez nem mesmo Chacrinha.

**Tabela 3 - TV-Gênero -Maiores Porcentagens - 1970**

GÊNEROS DOS PROGRAMAS	HS	%
novela	33h	16,8
seriados	18h	9,1
programa de auditório	12h	6,1
variedades	9h30	4,7

**Tabela 4 - TV - Origem dos Programas - 1970**

PRODUÇÃO DOS PROGRAMAS	HS	%
Nacionais	98h20	50,1
Estrangeiros	23h	11,7
Não Consta	74h40	37,9
TOTAL GERAL	196h	100%

**Tabela 5 - TV - Gêneros - Maiores Porcentagens - 1975**

GÊNERO DOS PROGRAMAS	HS	%
novela	26h00	18,5
telejornal	26h00	18,5
cinema	16h00	11,5
programa de auditório	12h00	8,5
humorismo	6h30	4,5

**Tabela 6 – TV – Origem dos Programas – 1975**

PRODUÇÃO DOS PROGRAMAS	HS	%
Nacionais	75h	53,5
Estrangeiros	44h	31,4
Ignoramos	21h	15
TOTAL GERAL	140h	100%

OBS 1: cálculos realizados a partir das programações indicadas no jornal **O Estado de São Paulo**

OBS 2: amostra: SP - 3a. semana de março



---

# Década de 1980: TV em clima de cassações e concessões

Ana Carolina Pessoa Temer  
Célia Chaves\*

---

\* O levantamento de dados contou com a colaboração de Valdir Belfante

---



“Ando com minha cabeça já pelas tabelas  
Claro que ninguém se toca com minha aflição  
Quando vi todo mundo na rua de blusa amarela  
Eu achei que era ela puxando um cordão  
Dão oito horas e danço de blusa amarela  
Minha cabeça talvez faça as pazes assim  
Quando ouvi a cidade de noite batendo as panelas  
Eu pensei que era ela voltando pra mim  
Minha cabeça de noite batendo panelas  
Provavelmente não deixa a cidade dormir  
Quando vi um bocado de gente descendo as favelas  
Eu achei que era o povo que vinha pedir  
A cabeça dum homem que olhava as favelas  
Minha cabeça rolando no Maracanã  
Quando vi a galera aplaudindo de pé as tabelas  
Eu jurei que era ela que vinha chegando  
Com minha cabeça já pelas tabelas  
Claro que ninguém se toca com minha aflição  
Quando vi todo mundo na rua de blusa amarela  
Eu achei que era ela puxando um cordão  
Dão oito horas e danço de blusa amarela  
Minha cabeça talvez faça as pazes assim  
Quando ouvi a cidade de noite batendo as panelas  
Eu pensei que era ela voltando pra mim  
Minha cabeça de noite batendo panelas  
Provavelmente não deixa a cidade dormir  
Quando vi um bocado de gente descendo as favelas  
Eu achei que era o povo que vinha pedir  
A cabeça de um homem que olhava as favelas  
Minha cabeça rolando no Maracanã  
Quando vi a galera aplaudindo de pé as tabelas  
Eu jurei que era ela que vinha chegando  
Com minha cabeça já numa baixela  
Claro que ninguém se toca com minha aflição  
Quando vi todo mundo na rua de blusa amarela  
Eu achei que era ela puxando um cordão”

**Pelas Tabelas**, Chico Buarque, no LP **Chico Buarque**, 1984  
(referências ao Movimento Diretas Já)

## Flashes dos Anos 1980

Em 1980, ano em que a televisão brasileira comemorou três décadas, o país era governado pelo general João Batista de Oliveira Figueiredo, Presidente da República desde 15 de março de 1979. Seu programa de governo pregava o combate à crise econômica instalada no país na segunda metade dos anos 1970, através de medidas que previam “a contenção dos gastos públicos, privatização de empresas e serviços estatais não essenciais, descentralização administrativa, redução da taxa de inflação (40% na época) e prioridade à agricultura”. Figueiredo também prometeu restaurar a democracia no país – “É meu propósito inabalável fazer deste país uma democracia. Não descansarei até estar plenamente assegurado, sem sobressaltos – o gozo de todos os direitos do homem e do cidadão, inscritos na Constituição”.

No início da década de 1980, o Brasil vivia os reflexos da crise do petróleo e da elevação das taxas de juros no mercado internacional. Em âmbito interno, tentava se reerguer do fracasso do III PND (Plano Nacional de Desenvolvimento), baseado na prefixação da desvalorização do cruzeiro e da indexação salarial, lançado pelo então ministro do Planejamento, Delfim Neto. O país vivia um quadro de recessão, desemprego, queda da produção e declínio do poder aquisitivo dos trabalhadores, sinais evidentes de que o “milagre econômico” chegara ao fim. A inflação era de 113% ao ano e a dívida externa de 40 bilhões de dólares. Reverter esse quadro e retomar a euforia

que caracterizou os tempos do “milagre”, constituía prioridade do Governo.

Os tempos eram marcados pela emergência de um novo sindicalismo no ABC paulista; pela organização das Comunidades Eclesiais de Base, estimuladas pela Igreja Católica; e por um expressivo Movimento Contra a Carestia, que se manifestou primeiramente em São Paulo, expandindo-se depois para outras capitais. Irromperam, nesse contexto, muitas greves; a maior, em abril de 1980, mobilizou 330 mil metalúrgicos no ABC paulista.

No âmbito dos costumes, a sociedade viveu o contraste de substituir a liberalização sexual, que marcou os primeiros anos da década, pelo conservadorismo vinculado à descoberta da AIDS. Arrefecida, a juventude buscou abrigo no *rock* alto-astral da cantora Rita Lee, fenômeno musical da década que vendeu 400 mil cópias do LP **Saúde**. O surgimento de uma consciência ecológica fez despontar a luta pela preservação da natureza e aumentou o interesse pela Amazônia.

Em sua visita ao Brasil, em julho de 1980, o Papa João Paulo II levou às ruas multidões de fiéis. A televisão, que atingia então diariamente um público de 50 milhões de telespectadores, mostrou-o várias vezes. Nesse mesmo ano foram vendidos um milhão de aparelhos de TV em cores. O país já contava com 113 emissoras de TV e 20 milhões de televisores; o sexto no *ranking* mundial em número de televisores, com uma audiência nacional de 100 milhões de compradores potenciais de produtos. Nesse mesmo período, a participação da TV nos investimentos

publicitários era da ordem de 62% em contraposição aos 25% registrados na década de 60.<sup>1</sup>

A Rede Globo domina a audiência com 36 afiliadas, número que sobe para 48 em 1986, atingindo 17,6 milhões de domicílios. Aproveitando-se do sucesso de suas novelas, a emissora investe no que costumamos chamar de *merchandising* (inserções publicitárias no interior de programas ficcionais) almejando ampliar seu faturamento comercial. A bem sucedida experiência da Globo estimulou a criação da empresa Apoio Comunicação, especializada nesse serviço. Atualmente, as possibilidades de *merchandising* são divulgadas através de um Boletim Informativo, editado semanalmente pela Superintendência Comercial e destinado aos publicitários. A publicação explora as opções de comercialização dos produtos, traça um perfil dos principais personagens da novela disponível para receber anúncios, e traz, ainda, um breve comentário da trama.

A institucionalização do *merchandising* alcançou um de seus auge, na emissora, no final da década de 1970 no início dos anos 1980, nas novelas **Dancing-Days** (1978) e **Água Viva** (1980). Na primeira, a atriz Sônia Braga (Júlia), “vendeu” a marca *Staroup*, enquanto Betty Faria (Lígia), na segunda, promoveu a marca *USTop*.

Em julho de 1980 a TV Tupi foi obrigada a interromper suas transmissões ante a determinação do

---

<sup>1</sup> MELO, José Marques de. “Televisão Brasileira: Desenvolvimento e Perspectivas”. In Revista **Comunicação e Sociedade**, número 19, SBC/SP, Ed. IMS, março 1993, p. 79 a 93.

Governo de cassar a concessão de seus canais. O fim da emissora pioneira do país abriu grande polêmica em torno dos critérios de concessões de canais de rádio e TV.

Em 23 de julho de 1980, o Governo Federal anuncia a abertura de concorrência para a exploração de duas novas redes de TV, colocando em jogo as sete concessões que pertenciam à Tupi, mais duas que pertenciam à TV Excelsior de São Paulo e à TV Continental do Rio de Janeiro. Desse conjunto surgem duas novas redes: Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), de Sílvio Santos, e a Rede Manchete, capitaneada por Adolfo Bloch, proprietário da Editora Bloch que editava a revista **Manchete**. Foram escolhas estratégicas, uma vez que “Na oportunidade, o governo não escondeu sua preferência por empresários ´mais confiáveis e amistosos´. Entre os preteridos estavam Hery Maksoud, o Grupo Abril e o Grupo Jornal do Brasil”.<sup>2</sup> Logo em seguida, a Igreja Universal do Reino de Deus, cujo líder espiritual era o Bispo Edir Macedo, comprou a Record e formou uma nova rede, ainda que com um número menor de emissoras.

Sem o fantasma da Tupi, sua principal concorrente, a Globo viu crescer ainda mais seu espaço na audiência. Mas em São Paulo, levou um susto temporário do Sistema Brasileiro de Televisão, que, em princípio, “abocanhrou nada menos do que 60% da audiência média da emissora extinta, enquanto a

---

<sup>2</sup> MATTOS, Sérgio. **A televisão no Brasil: 50 anos de história (1950-2000)**. Salvador: Ianamá, 2000, p. 131.

rede de Roberto Marinho teve um acréscimo de apenas 2,3 pontos percentuais sobre o total de aparelhos ligados".<sup>3</sup>

Nos anos 1980 a imprensa, que por quase 20 anos fora impedida de desempenhar plenamente sua função, passou a atuar mais livremente e, no campo das artes e da cultura, o país começava a respirar com um pouco mais de liberdade.

Em 1982 foram realizadas eleições para Governos Estaduais, Câmaras Municipais, Senado e Assembleias Legislativas, rompendo um ciclo de quase 20 anos de autoritarismo, em que a cena política esteve marcadamente ocupada por senadores biônicos.<sup>4</sup> A vitória alcançada pelos partidos de oposição nos centros hegemônicos do País (Franco Montoro em São Paulo e Leonel Brizola no Rio de Janeiro), imprimiu ao quadro político nova configuração. A eleição foi coberta de denúncias de fraudes, em vários estados. A TV Gaúcha, afiliada da Rede Globo, foi advertida pelo Tribunal Regional Eleitoral (TRE) por ter contrariado a Lei Falcão, ao transmitir pronunciamento do presidente Figueiredo, conclamando os eleitores a votar nos candidatos do Partido Democrata Social (PDS).

A Globo, por sinal, esteve ausente das primeiras manifestações públicas em favor das eleições diretas para Presidente da República. A campanha das Diretas Já, que mobilizou o país entre janeiro e abril de 1984,

---

<sup>3</sup> BOLAÑO, César. *Mercado Brasileiro de Televisão*, Sergipe, Universidade Federal, PROEX-CECAC - Programa Editorial, 1988, p. 129.

<sup>4</sup> A figura do Senador Biônico foi criada pelo "pacote" de medidas eleitorais de abril de 1977 - Um terço da representação do Senado passou a ser indicado pelo governo.

teve grande repercussão na imprensa. Mas a emissora não cobriu o comício de Curitiba, que reuniu 50 mil pessoas, em janeiro de 1984. E só abriu espaço em seu noticiário quando o movimento já estava consolidado. Em abril de 1984 o tom festivo da campanha deu lugar à tristeza. A emenda constitucional Dante de Oliveira, que estabelecia eleições livres e diretas, foi rejeitada pelo Congresso Nacional. O novo presidente, Tancredo Neves, eleito via Colégio Eleitoral no dia 5 de janeiro de 1985, morre em abril do mesmo ano, assumindo em seu lugar o vice, José Sarney. As emissoras de TV haviam preparado um *pool* inédito para a posse de Tancredo. Após a posse de Sarney, o país entra em clima de “Nova República” e mergulha na mágica da inflação zero, com a edição do Plano Cruzado. São congelados os salários e os preços dos gêneros de primeira necessidade, a moeda passa de cruzeiro para cruzado.

No governo Sarney verifica-se também um aumento vertiginoso das concessões de canais de TV. Jair Borin afirma: “Até 1987, existiam 169 emissoras de TV em operação no Brasil, estando a maioria concentrada nas regiões Sul e Sudeste. Em 1992 já havia 252 emissoras outorgadas, sendo que 50 delas estavam em instalação”.<sup>5</sup> Essas concessões seguiram critérios políticos, pois o governo pretendia ganhar apoio de parlamentares à ampliação do mandato do Presidente da República, de quatro para cinco anos.

---

<sup>5</sup> BORIN, Jair. “Rádios e Tvs Crescem com o Festival de Concessões”. IN Revista **Comunicação e Sociedade**, número 18, SBC/SP, Ed. IMS, dezembro 1991, p. 19 a 24.

Em 1986 são realizadas novas eleições para a escolha de governadores, dos deputados federais e senadores que formariam a Assembléia Nacional Constituinte. Fernando Collor de Melo é eleito governador de Alagoas. Em 1989 ele lança o manifesto do Partido da Reconstrução Nacional (PRN), pelo qual sairá candidato à Presidência da República naquele mesmo ano.

Novamente o País foi envolvido em uma grande campanha, polarizada, basicamente, por Fernando Collor de Melo e Luís Inácio Lula da Silva (PT), os dois candidatos que vão disputar a eleição no segundo turno. A entrada em cena, da televisão, mostrou que, ao contrário de 1984, esse veículo teria um papel essencial, não apenas o de informar, como também de construir a imagem dos candidatos mudando a lógica do discurso político.

Das emissoras do país, a Bandeirantes foi a que realizou maior número de debates entre os presidencializáveis, sendo inclusive pioneira nesse sentido, ao introduzir essa modalidade de programa na TV brasileira, no dia 17 de julho de 1989. No primeiro turno a emissora transmite quatro debates. No dia 3 de dezembro, um *pool* de quatro redes transmite o primeiro debate do segundo turno. O último debate é transmitido para todo o país no dia 14 de dezembro de 1989, tarde da noite, acabando de madrugada. Esse último debate foi apresentado de forma condensada no **Jornal Nacional** da Rede Globo do dia seguinte. Uma edição que concentrou os melhores momentos do candidato Collor de Melo e os piores de Lula – edição que se não foi decisiva para o resultado da eleição, foi,

sem dúvida, um fator importante e gerou polêmica e protestos em torno do tema ética no jornalismo. Finalmente, no dia 17 do mesmo mês, foi realizado o segundo turno da eleição presidencial. Collor obtém 35.089.998 votos e Lula recebe 31.076.364 votos.

No âmbito televisivo, além da chegada das novas emissoras, o aparelho de controle remoto se populariza, dando mais conforto ao telespectador para “bisbilhotar” o que está acontecendo em todas as emissoras. Dentro das casas, as emissoras de televisão encontram um concorrente. Devagar, insinuando-se para a alta classe média e depois ocupando um espaço mais definitivo, chega o videocassete doméstico, surgem também as vídeo-locadoras e crescem os espaços alternativos. Começa o *boom* do videocassete no país e a expansão da produção independente do vídeo. Finalmente, em 1989 é inaugurada em Barueri a TV a cabo Alphaville, o primeiro sistema de TV por assinatura do Brasil.

## **No ar a nova vice-líder**

Em 19 de agosto de 1981, Silvio Santos inaugurou o SBT. O canal 4 de São Paulo, antiga Tupi, mais a TVS do Rio de Janeiro e as outras emissoras já ligadas ao SBT, formavam as 18 emissoras da Rede SBT. O SBT entrou no ar preparado para quebrar o monopólio da Rede Globo, e logo assumiu a vice liderança na preferência popular. Silvio Santos, que já tinha os estúdios, equipamentos e todo o necessário para operar a rede, não perdeu tempo e a nova rede

entrou com a sua programação voltada para as classes populares, pensada à “imagem e semelhança do seu programa dominical”.<sup>6</sup>

Ainda que nem sempre seguidos de bons retornos comerciais e investimentos publicitários, o sucesso junto ao público abre espaço para novos investimentos e, iniciando uma segunda fase, o SBT contrata nomes como os de Flávio Cavalcanti, Hebe Camargo, além de investir em minisséries e filmes de grande sucesso no cinema, ao mesmo tempo que foram tirados do ar alguns programas de caráter mais “popularesco”, como **O Povo na TV**, **O Homem do Sapato Branco**, **Reapertura**. O passo seguinte foi um significativo aumento no número de afiliadas, além de uma ampliação no faturamento publicitário.

Nesta época começaram a serem compradas as primeiras novelas mexicanas, produções da Rede Televisa nos anos 1970. Estréia, em 1984, o seriado cômico-infantil **Chaves**, que conta a história de um menino pobre que vive em uma vila popular. O programa faz sucesso não só entre as crianças e eventualmente consegue liderança do IBOPE no horário. O SBT investe neste filão e em 1988 passa a exibir **Chaves** no horário nobre, juntamente com outro seriado, **Chapolin**, com o mesmo humorista.

Entre outros programas a emissora abre espaço para o humorístico **A Praça é Nossa**, que estréia em 1987 apresentado por Carlos Alberto de Nóbrega. O

---

<sup>6</sup> BARBOSA LIMA, Fernando. Nossas câmeras são os seus olhos. In: BARBOSA LIMA, Fernando, PRIOLLI, Gabriel e MACHADO, Arlindo. **Televisão & vídeo**, Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 40.

programa que “dava” 7 pontos na Bandeirantes, agora passava a médias de 20 pontos. Em 1988 é a vez do humorista Jô Soares em um novo conceito de programa de entrevistas, o talk-show **Jô Soares Onze e Meia**.

## **A experiência da Manchete**

Após um investimento de 50 milhões de dólares, a Manchete entrou no ar em 05/06/83 com cinco emissoras próprias e uma afiliada, a partir da programação gerada no Rio de Janeiro pelo canal 6. A proposta da Manchete era investir em qualidade e revolucionar a televisão brasileira com uma programação de alto nível, voltada para as camadas mais elevadas da população.

O primeiro programa da emissora foi **O Mundo Mágico**, com três de horas de quadros musicais entremeados de pequenos depoimentos e breves reportagens sobre o império Bloch foi aberto pelo grupo Blitz, contando também com Milton Nascimento e Elba Ramalho. O programa alcançou 33 pontos no Ibope, incomodando o **Fantástico** que chegava aos 35 pontos. Mas o melhor viria em seguida, com a exibição do filme **Contatos Imediatos do Terceiro Grau** que obteve 34 pontos de audiência contra 12 pontos da Rede Globo.

“A televisão do ano 2000” (*slogan* da Rede Manchete) estreou com um quadro de mais de 500 funcionários e com a direção geral de Rubens Furtado. A rede se expande em 1984 com os canais 2 de Fortaleza e 6 de Recife. Apesar disso a Manchete não

consegue consolidar sua audiência, embora alguns programas despertem a atenção dos críticos e do público. É o caso da apresentadora Xuxa, que estréia em 1984 com o programa infantil **Clube da Criança**.

Em agosto de 1985 a Manchete produziu sua primeira telenovela, **Antônio Maria**, que entra no ar junto com a série **Tamanho Família**. Também entram na grade de programação alguns humorísticos e programas populares que não conseguem conquistar o público. A emissora fica com a situação financeira cada vez mais “fragilizada” e em 1986 enfrenta uma greve dos funcionários por causa do atraso no pagamento dos salários.

Em 1986 a Manchete conseguiu seu primeiro bom desempenho de audiência com a produção **Dona Beija**, protagonizada por Maitê Proença. A novela atinge 15 pontos no Ibope, um sucesso que, na mesma emissora, só seria superado, em 1980 com a telenovela **Pantanal** (1990).

Também na segunda metade da década a emissora colocou no ar a pequena Angélica, jovem atriz e apresentadora, então com apenas 13 anos, que chamou a atenção do público e em pouco tempo passa a apresentar **O Clube da Criança** e o musical **Milk Shaiké**.

## Jornalismo e informação

Durante a década de 1980 o abrandamento da censura fez com que os telejornais ganhassem um conteúdo mais crítico e abrissem espaço para programas e debates destinados a várias faixas do público. A Rede

Manchete, além do **Jornal da Manchete**, estréia o programa **Conexão Internacional**. Produzido por uma empresa independente, o programa faz entrevistas com celebridades e teve uma boa repercussão.

O SBT atravessa a década com telejornais sem grande expressividade, como **Cidade 4, 24 horas, Noticentro**, e **Últimas Notícias**. O jornal mais longo da casa, **O Povo na TV** mantinha a sua audiência abusando do formato popular sensacionalista e o proprietário da emissora, empresário Silvio Santos, afirmava fazer um jornalismo que “*só vai elogiar*”.<sup>7</sup> Essa situação só muda em 1988 quando a empresa contrata Boris Casoy, ex-editor da Folha de São Paulo. A ele é confiada a missão de apresentar e – mais do que isso – “ancorar” o novo telejornal da emissora: o **TJ Brasil**. O jornalista introduz um estilo próprio, fazendo entrevistas e emitindo opiniões pessoais sobre os fatos noticiados. A reação à audiência é positiva e logo o programa atrai anunciantes, uma proeza que os outros jornais da casa não tinham conseguido. O sucesso do “jornal com âncora” faz com que o formato seja “exportado” para outras emissoras. Carlos Nascimento tem uma curta experiência com o estilo no **Jornal da Cultura** e Marília Gabriela comanda o **Jornal Bandeirantes**.

Em setembro de 1989 a Manchete lança um programa jornalístico “diferente”: o **Documento Especial**. Apresentado por Roberto Maia e dirigido por Nelson

---

<sup>7</sup> SQUIRRA, Sebastião. **Boris Casoy**: o âncora no telejornalismo brasileiro. Petrópolis, Vozes, 1993, p. 138.

Hoinnef o programa é voltado para temas polêmicos, ilustrado por comentários e observações diretas.

As novidades implantadas nos outros canais não afetam de forma significativa os índices de audiência do telejornalismo da Rede Globo

A imprensa, que durante 20 anos foi impedida de trabalhar livremente, agora atua com mais liberdade. Por ação ou reação, a Rede Globo reforça os seus investimentos em telejornalismo e lança em 1981 o **TV Mulher**, um marco nos programas voltados para o público feminino já que, pela primeira vez, a dupla moda e culinária dividia espaço com assuntos como direitos da mulher e sexualidade.

Também em 1981 entra no ar o **Bom Dia São Paulo**, que serve de teste para o **Bom Dia Brasil**, dando continuidade a uma ação iniciada alguns anos antes, com o lançamento do **Jornal Hoje**. Em 1983, a Globo investe em um novo horário para o telejornalismo – o começo do dia - e cria o **Bom Dia Brasil**, a partir da fórmula testada e aprovada do **Bom Dia São Paulo**.

Independente das condições internas, o jornalismo da Globo continuava liderando os números do Ibope. Em 1988, o **Jornal Nacional** tinha 60% de audiência, apesar de competir com novelas, filmes e humorísticos em outros canais. No Rio e São Paulo, o jornalismo local ocupava o segundo lugar na preferência popular, o **Globo Repórter** o terceiro, o **Jornal Hoje** o quarto e o **Jornal da Globo** o sexto.

A Bandeirantes, que sempre lutou para ter um jornalismo que concorresse com a Rede Globo, tam-

bém investe em inovações e usa o carisma de Joelmir Betting para fazer comentários e eventualmente atuar como âncora, quase sempre como fórmula para superar os problemas de produção de material jornalístico.

## **Observações sobre a programação televisiva – 1980**

A televisão brasileira, em 1980, apresenta o entretenimento como categoria predominante em sua programação. Foram verificadas 168 horas de programação somando as seis emissoras em operação em São Paulo: Cultura (canal 2), Tupi (canal 4), Globo (canal 5), Record (canal 7), Gazeta (canal 11) e Bandeirantes (canal 13). Do total de horas, 69% eram destinadas à emissão de programas de entretenimento, com destaque para três gêneros: cinema (36h55), novela (27h35) e seriados (14h28). Os informativos vinham em segundo lugar, com 15% (25h12) do total de horas enfocadas; nesse caso, o telejornal (17h35) se sobressaía, deixando para trás a reportagem e a entrevista. Em último lugar vinham os programas educativos, representando apenas 5% do total da programação.

### **Globo – o chamado “padrão de qualidade”**

No caso da Rede Globo percebe-se que, de segunda a sábado, a emissora transmitia uma programação horizontal, basicamente constituída de três

**Tabela 1 – Programação por Categoria –1980**  
(amostra: SP-3ª semana março)

Categoria	CANAL	CANAL	CANAL	CANAL	CANAL	CANAL	TOTAL	%
	2	4	5	7	11	13		
Informativo	11h	3h30m	4h20	0h27	3h30	2h25	25h12	15%
Entretenimento	9h	22h30	23h40	24h38	13h	22h35	115h23	69%
Educativo	5h30	-	-	-	1h30	-	7h	5%
Especial	-	-	-	-	-	-	-	-
Infor./Entrete.								
Entreten./Educ.								
Educat./Infor.								
outros	2h30	2h	-	2h55	10h	3h	20h25	11%
Total	28h	28h	28h	28h	28h	28h	168h	100%

obs: cálculos realizados a partir da programação publicada no jornal O Estado de São Paulo

telejornais (**Jornal das Sete, Jornal Nacional e Jornal da Globo**) e duas novelas (**Água Viva e Chega Mais**). O horário de 21h era mais flexível, permitindo que a cada dia da semana fosse exibido um programa diferente. Nesse espaço eram encontrados programas informativos (**Globo Repórter**) e entretenimento, com particularidade para o humor (**O Planeta dos Homens e Chico City**) e cinema (**Quarta-Nobre: Vegas e Sexta Super: Alerta Geral**).

Aos domingos, a programação deslanchava com o humor pastelão de **Os Trapalhões**, único programa dirigido ao público infantil. Depois vinha **Fantástico** (programa de variedades), que exibia como último bloco **Os Gols do Fantástico**, programa jornalístico esportivo, que em 1982 passou a integrar o **Esporte Espetacular**. A programação era fechada, sempre, com

a exibição de dois filmes em **Première 80** e **Campeões de Bilheteria**. Os filmes eram, em sua maioria, de origem estrangeira.

As telenovelas continuaram sendo a “coqueluche” dos anos 1980. Muitas telenovelas de sucesso marcam a década, com particular destaque para as novelas nas quais o humor escachado conquista o público. É o caso de **Cambalacho** (1986), **Sassaricando** (1987) e **Guerra dos Sexos** (1983). Em 24 de junho de 1985 estreou a segunda versão de **Roque Santeiro**, de Dias Gomes, que vai ao ar dez anos depois de ter sido censurada pelo Governo Militar.

No final da década a consolidação das mudanças políticas deflagradas pela Assembléia Constituinte e a promulgação da nova Constituição Brasileira (1988) abrem espaço para temas que envolvam críticas ou farpas políticas. **Vale Tudo** (1988) é a primeira a trabalhar com essa temática, obtendo um grande destaque na mídia que incluiu até mesmo uma entrevista nas páginas amarelas da Revista **Veja** com a atriz Beatriz Segal falando em nome do seu personagem, a empresária cínica e pouco ética que provoca uma “comoção nacional” nos capítulos finais quando o nome do seu assassino fica em suspense. **O Salvador da Pátria** (1989) e **Que Rei Sou Eu** (1989) também trabalham a mesma temática, usando analogias e referências óbvias à política e a corrupção, fortalecendo a já enfraquecida imagem dos políticos nacionais.

A partir de 1983, no horário nobre, a Globo transmite o programa **Cassino do Chacrinha**, com o apresentador Chacrinha, que fica no ar até 1988.

Nos demais dias da semana o espaço é dos programas humorísticos, como a **Praça da Alegria**, **Chico Anísio Show**, **Os Trapalhões**, **Viva o Gordo** e **TV Pirata**.

Em 1985 a Rede Globo lança a campanha **Criança Esperança** – uma vasta campanha de mobilização social a favor da criança e dos adolescentes. Fora do horário nobre, a Rede Globo traz da Manchete a apresentadora Xuxa Meneghel, que irá se transformar em um dos maiores fenômenos da TV brasileira comandando o **Xou da Xuxa**, Além desse programa, destacaram-se como programas infantis **Bambalalão**, **Catavento**, **Balão Mágico** e **Sítio do Pica-Pau Amarelo**, esse último baseado na obra de Monteiro Lobato.

## **Cultura – inovando nos programas**

Dos programas transmitidos em 1980 pela Cultura, os de maior impacto eram **Vox Populi** (entrevista), que ia ao ar aos domingos e era reprisado aos sábados e **Opinião Pública**, noticiário surgido da junção de **Hora da Notícia** e **Panorama**. A emissora, que também transmitia festivais, como o **Festival da Música Sertaneja** (junção da tradicional música caipira e da fase *country* da música popular brasileira). Sobressaíam-se, ainda, os programas de esporte, música clássica, os ciclos de documentários alemães, entre outros.

## **Tupi – apelo inútil**

“Tudo bem, tudo bom na Tupi!”. Com essa vinheta autopromocional, a emissora de Assis Chateau-

briand jogava no ar sua última cartada na tentativa de impedir o fim melancólico de sua trajetória. Tentativa vã, pois no dia 14 de julho de 1980 a Tupi foi obrigada a interromper suas transmissões. De 16 a 22 de março de 1980, semana do nosso estudo, a Tupi ainda permanecia no ar, embora precariamente, por se encontrar mergulhada em mais uma de suas intermináveis crises. Os programas de auditório **Silvio Santos** e **Flávio Cavalcanti** faziam a festa do telespectador aos domingos.

A TV Tupi mantinha apenas um telejornal: **RT Nacional** (na programação também saía como **RTN Nacional**) – transmitido de segunda a quinta-feira, às 19h30, e às sextas-feiras às 19h35.

## **Record – sem informativos**

Em nossa semana de amostra, a TV Record é a única emissora em que se verifica total ausência de programas informativos. Ou melhor, quase total, já que destinava 27 minutos de sua programação semanal à transmissão do resultado da Loteria Federal, de 19h15 às 19h28, às quartas-feiras.

Em 1980, a Record figurava como a quinta rede em número de emissoras, cobrindo 618 municípios brasileiros e atingindo 43,1% do total de domicílios com aparelhos de televisão. Quando iniciou suas transmissões, em 27 de setembro de 1953, a emissora pertencia ao grupo Machado de Carvalho. Entre 1968/69 a emissora foi vítima de uma série de incêndios, tendo destruídos seus equipamentos e suas instalações, ou

seja, boa parte de seu patrimônio. Foi, então, que 50% de seu capital passaram a ser controlados pelo grupo Silvio Santos, o que explica por que em 1980 o programa **Silvio Santos** também era transmitido pela emissora. Mas seu grande trunfo eram os “enlatados”.

## **Gazeta – homenageando japoneses e árabes**

De todas as emissoras em operação em São Paulo em 1980, a Gazeta era a menor. Iniciou suas transmissões em 25 de janeiro de 1970. À exceção da Cultura, era a única a manter programas de caráter educativo (**Programa Educativo Cultural** e **Brasil Sócio-Econômico Cultural**). O primeiro, transmitido aos domingos, às 19h00, e o segundo às segundas-feiras, às 22h30.

A emissora investia mais em esporte (futebol) que as outras. O programa **Onze no Futebol** era transmitido aos domingos, às 22h e às quartas-feiras, às 23h. Havia também o **Futebol é com o Onze**, que ia ao ar às segundas-feiras, às 20h30. Em termos de informativos a emissora mantinha apenas um telejornal (**Gazeta em Notícias**), transmitido de 20h às 20h15, às segundas-feiras. Nos outros dias (terça, quarta, quinta e sexta) a transmissão começava às 20h45 e encerrava às 21h. A colônia árabe era homenageada com o **Programa Árabe na TV**, transmitido aos sábados, de 19h às 19h15. Os japoneses, da mesma forma, tinham um programa voltado para a divulgação de seus costumes e de sua cultura: **Imagens**

**do Japão Espetacular.** Apresentado por uma nissei, o programa era transmitido também na sexta-feira, de 21h às 21h30.

## **Bandeirantes – ausência de esporte**

Ao contrário do que ocorre hoje com a **Bandeirantes**, na qual o grosso da programação é constituído de esporte, nenhum programa desse gênero é transmitido em 1980. A sina da Record se abateu sobre essa emissora, também vítima de incêndio, em 1969, dois anos após o início de suas transmissões. Sua programação era estruturada, basicamente, sobre dois telejornais (**Jornal da Bandeirantes** e **Atenção Informação**), duas novelas (**Pé de Vento** e **O Todo Poderoso**), filmes e dois programas de auditório **Hebe Camargo** e **Discoteca do Chacrinha**.

## **Observações sobre a programação televisiva – 1985**

Na terceira semana de março de 1985, analisando a programação no horário nobre e tendo como fonte o jornal **O Estado de São Paulo**, encontramos a seguinte programação da TV Globo: 19h00 novela **Um Sonho a mais**, 19h45 telejornal **SPTV 2 Edição**, 20h00 telejornal **Jornal Nacional**, 20h20 novela **Corpo a Corpo**. Às 21h25 filmes **O Mestre** (seg.), **Missão Secreta** (terça), **Trovão Azul** (quarta), futebol ao vivo **Cruzeiro X Corinthians** (quinta), Festival 20 anos - **A Conquista do Oeste** (sexta), SuperCine – **Fuga**

à **Luz do Dia** (Sábado). Encerrando a programação também tínhamos um filme da coletânea Festival 20 Anos: **Louca Escapada** (seg.), **Califórnia Suíte** (ter.), **Cuba** (quarta), **A Conquista do Oeste** (quinta) e **Fuga à Luz do Dia** (sexta). No Domingo havia a partir das 19 horas o programa **Os Trapalhões**, seguido pelo **Fantástico** às 20 horas e os **Gols da Rodada** (das 22h às 22h20) e encerrando a programação sempre um documentário especial sobre o esporte, no caso, **O Brasil na Pista**. Observamos então que de segunda a sábado temos no horário nobre duas telenovelas, recheadas por dois telejornais e depois das novelas filmes diversos.

Enquanto as outras emissoras concorriam com a Globo com programações diferenciadas, mostrando em sua grande maioria filmes e documentários, o SBT de Silvio Santos fazia uma programação mais parecida com a de seu concorrente. Além do telejornal do SBT (**Noticentro**), às 19hs e do investimento em filmes depois das 21h20, esse horário tinha como “*sanduíche*”, três telenovelas, **Jogo do Amor** às 19h45, **Estranho Poder** às 20h30 e **Viviane** às 20h50. Embora o SBT recorese a novelas não brasileiras, o grosso da programação do horário nobre, no conjunto das emissoras era de origem nacional.

Tomando a terceira semana de março de 1985 como amostra encontramos a seguinte distribuição quanto a origem da programação: 143 horas (73%) do total da programação eram de programas de produção nacional e 51 horas (27%) de produção estrangeira. Na terceira semana de março de 1985 (dias 18 a 24),

em um total de 194 horas de programação, 130h30 foram de programas da categoria entretenimento e 35h35 de informativos.

Com exceção da Cultura, emissora na qual programas da categoria Informativo ocupam o maior número de horas (15h50), nos demais canais predominam programas de entretenimento, categoria que atinge 67% da programação examinada. Os gêneros de maior representatividade são: filmes (49 horas), telejornais (28 horas), esporte (22 horas), novelas (16 horas) e entrevistas (16 horas).

**Tabela 2 - TV - Programação por Categoria - 1985**  
(amostra: SP - 3a. semana de março)

Categoria	Canal	Total	%						
	2	4	5	7	9	11	13		
Inform.	10h50	4h30	3h		5h		12h15	35h35	18
Entreten.	6h50	22h30	21h	28h	21h	15h	16h15	130h30	67
Educ.	3h30					4h30		8h00	4,1
Espec.	2h30		0h40		0h30	4h30		7h40	3,6
Entr/Inf.	3h15				2h30	5h30		8h45	4,3
Entr/Ed.	3h30							3h30	1,7
Edu/Inf.									
Não consta									
Total	30h25	27h00	24h40	28h00	29h00	29h30	28h30	194h00	100

obs: cálculos realizados a partir da programação publicada no jornal *O Estado de São Paulo*

Na observação da programação televisiva da terceira semana de março de 1985 fica bastante claro que a TV Globo mantém o padrão horizontalizado de sua programação. Novas novelas, ou novos títulos, estão praticamente nos mesmos horários. Poucas

mudanças também nos informativos, apenas o jornal local muda de nome e passa a se chamar **SPTV 2ª. edição**, e passa a se apresentado imediatamente antes do **Jornal Nacional**. Poucas mudanças também aos domingos na Globo, que praticamente repete a programação de 1980.

---

# Década de 1990: TV de sinal aberto busca seu caminho em tempo de globalização

Marcia Perencin Tondato  
Renata Carrara



“Alguma coisa está fora da ordem  
Fora da nova ordem mundial”

**Fora da Ordem**, Caetano Veloso,  
LP/CD **Circuladô**, 1991

Às vésperas do Terceiro Milênio, os meios de comunicação de massa se defrontam com uma necessidade cada vez maior de atender às exigências de um mercado variado. O consumidor é bombardeado por opções e fica mais seletivo, ou pelo menos fica mais informado sobre suas opções. Como observado por Alvin Tofler em *A Terceira Onda*:

“o fluxo de informações é cada vez maior e mais rápido. Ideais, crenças e atitudes entram vertiginosamente na consciência, são impugnadas, desafiadas e, de repente, desvanecem-se no nada. Ideologias dissolvem-se. Celebidades saltitam fugazmente através da nossa consciência. Somos assaltados por contraditórios slogans políticos e morais”.

Alguns anunciam o fim da velha televisão, a TV interativa está cada vez mais próxima, empresas do mundo, em vários pontos do planeta, se unem para realizar testes de transmissão de TV interativa. Enquanto o sonho não se realiza, a TV a cabo vai desmassificando a audiência, explorando nichos de audiência específicos. Os grandes grupos de comunicação começam a investir em novas tecnologias que dêem conta da diversificação. Na década de 1990, porém, apesar do potencial, o custo da mensalidade e a pouca oferta dos serviços, fazem com que este novo tipo de TV ainda seja, ao menos no Brasil, um privilégio.

É neste contexto que enfocamos três semanas de programação televisiva, em 1990, 1995 e 2000,

na maior cidade da América Latina, mais próxima simbólica e culturalmente de Nova York do que de Recife, difusora de informações e ficção para um país que entra no Terceiro Milênio com seus acentuados contrastes sociais.

Em tempo de inflação ameaçando escapar do controle, de planos econômicos frustrados e de denúncias de corrupção, em 1989 ganhava as eleições para a presidência o ex-governador de Alagoas, Fernando Collor de Melo, batendo na tecla da “caça aos marajás” e prometendo modernizar o país. Ao assumir a presidência, lançou o Plano Collor, confiscando todos os depósitos bancários e investimentos em poupança acima de aproximadamente US\$1000. Tiveram início, na seqüência, o programa de privatizações e as tentativas de enxugar a máquina do Estado. Mas o homem que prometeu acabar com a inflação “com um tiro” e combater a corrupção não obteve sucesso no primeiro caso, o da inflação; e no segundo, o da corrupção, viu-se envolvido em acusações que culminaram na instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) e na sua deposição, em 1992. O *impeachment* do presidente Fernando Collor foi precedido por ampla mobilização popular, com destaque para a atuação do movimento estudantil. A versão brasileira dos caras-pintadas<sup>1</sup> marcou a história política recente do país

---

<sup>1</sup> As mobilizações que levaram ao *impeachment* do presidente Collor trazem de volta à cena o movimento estudantil. A União Nacional dos Estudantes (UNE) e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) organizaram passeatas em que os manifestantes pintam o rosto com as cores do país, passando a ser chamados de “caras pintadas”. A música **Alegria, Alegria**, de Caetano Veloso, do tropicalismo do final dos anos 60, é adotada pelos estudantes como seu “hino

com cores e rostos jovens, uma imagem amplamente explorada pelos veículos de comunicação de massa.

No plano internacional, o Brasil de Fernando Collor de Melo viu o Kuwait ser invadido pelo Iraque de Saddam Hussein. Em 8 de agosto, e os Estados Unidos deslocarem para o território da Arábia Saudita o maior efetivo militar desde a guerra do Vietnã. Em 16 de janeiro de 1991 teve início a Guerra do Golfo, que durou até o final do mês seguinte. O Brasil não participou das forças aliadas, mas o brasileiro pôde acompanhar pela televisão, como nunca antes na história, ao vivo e em cores, o desenrolar de uma guerra que mostrou não apenas o poder destruidor das mais novas armas da indústria bélica, mas também o poder da mídia, sobretudo da televisão, na construção de uma versão dos acontecimentos que salienta o poderio bélico e a rapidez na transmissão das informações. Reflexo da relação mídia-guerra e seus efeitos na imagem dos Estados Unidos na transmissão dos acontecimentos no Vietnã, nos confrontos dos anos 1990 “os jornalistas realizaram seu trabalho enfrentando muitos obstáculos, foram expulsos e controlados e as imagens mostradas, de

---

de guerra”, virando depois tema da minissérie Anos Rebeldes, da Rede Globo, sobre a juventude nos piores anos da ditadura. O termo “caras pintadas” lembra os “carapintadas” argentinos, militares da ativa cujas revoltas de 1987 e 1988, no governo Raul Alfonsín, e de dezembro de 1990, no governo de Carlos Menem, freqüentaram repetidas vezes os noticiários nacionais. Além do uso do termo, nada, porém liga os “caras pintadas” daqui ao “carapintadas” de lá. Os rebeldes argentinos insurgiram-se contra as tentativas governistas, depois frustradas, de levar à julgamento os chefes militares da chamada “guerra suja”.

tão abstratas e construídas, (eram) confundidas com experiências estéticas de vídeo game”.<sup>2</sup>

Ainda no plano internacional, no início dos anos 1990, o Brasil e o mundo assistiram à desintegração da União Soviética, ponto culminante de um processo iniciado em meados dos anos 1980, com a implementação da Glasnost e da Perestroika por Mikhail Gorbatchov. A queda do Muro de Berlim, imagem gravada por correspondentes internacionais e transmitidas incessantemente pelas emissoras televisivas, em novembro de 1989, é transformada em símbolo da reunificação da Europa, fim da Guerra Fria e dissolução do “socialismo real” do Leste Europeu.

Em julho de 1994, no Brasil, começou a circular o Real, a nova moeda do país, e o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, FHC, lançava as bases para sua candidatura à presidência da República, nas eleições marcadas para o final do ano. Em clima de “Brasil Novo”, o país comemorou, em julho, o título de tetracampeão mundial de futebol. Nas eleições gerais de outubro de 1994, Fernando Henrique Cardoso era eleito, já no primeiro turno, novo presidente do Brasil, derrotando Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT). O fato de os dois candidatos, ambos “de esquerda”, terem liderado a lista das preferências dos eleitores, foi considerado por analistas políticos como ruptura com uma tradição política de décadas. No jogo das negociações para

---

<sup>2</sup> BERGER, Christa. Jornalistas na ‘guerra’ do Iraque. In MOREIRA, Sônia Virgínia e MOREIRA, Aníbal (org.). Mídia, ética e sociedade. Belo Horizonte: PUC Minas/Intercom, 2004, p. 31.

alcançar o poder e garantir-se nele, porém, o partido de Fernando Henrique – Partido Social Democrático Brasileiro (PSDB) – opta pela aliança com setores retrógrados da política nacional, nomeadamente do Partido da Frente Liberal (PFL).

Com Fernando Henrique no poder, o discurso é o da globalização da economia, inserção do país no mercado mundial, e a articulação de blocos econômicos (no mesmo mês em que Fernando Henrique tomava posse do cargo, em janeiro de 1995, entrava em vigor o Mercado Comum do Sul – Mercosul –, formado pelo Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai). Internacionalmente, a ordem é o combate à inflação, diminuição da presença do Estado na economia, privatizações, entre outras coisas. O Brasil de FHC desperta simpatia no exterior e confiança por parte dos investidores internacionais, mas a atuação do governo começa a receber críticas por causa dos custos sociais do programa de ajuste econômico que, de acordo com as vozes discordantes, aposta muito no real e esquece do Brasil real. O desemprego cresce.

Em meados da década de 1990, ganha corpo no país a idéia de que não basta ter um bom plano de estabilização econômica, não basta combater a inflação e possuir uma moeda forte. É necessário, e urgente, preocupar-se com as questões sociais. Aumentam as cobranças de um projeto nacional que contemple a grande massa dos excluídos. O Programa Comunidade Solidária, do governo Fernando Henrique Cardoso – uma versão atualizada e oficial da Campanha do Combate à Fome, do sociólogo Herbert de Souza, o

Betinho –, não decola. O desemprego e a questão da terra e reforma agrária – fonte de sucessivos conflitos, muitos deles sangrentos, e espaço de articulação de um dos maiores movimentos sociais da história do país, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) – estão na ordem do dia.

O mundo, e o Brasil, encerram o século XX em um clima de incertezas e transformações com a retomada hegemônica do liberalismo, intensificada a partir da década de 1980. Nas comunicações, o mundo entra no século XXI apoiado na Internet, nos telefones móveis, em computadores portáteis, tudo em nome da velocidade, da instantaneidade.

### **Quem é quem na transmissão**

Ao final do século XX, no Brasil as principais redes de televisão são Rede Globo (do Grupo Roberto Marinho), Sistema Brasileiro de Televisão (do empresário Sílvio Santos), Rede Bandeirantes (de João Saad), Rede Record (pertencente a uma igreja evangélica, transformada em rede em 1991). Há ainda a Rede Brasil Sul no Rio Grande do Sul, de Jaime Sirotsky, vinculada a uma das redes nacionais no horário nobre, que transmite também para a Argentina, Paraguai e Uruguai. A Rede Manchete, da família Adolfo Bloch, operando desde 1983, não consegue sustentar suas inovações na acirrada competição com a Rede Globo e sai do ar em 1998, quando dá lugar à Rede TV!, em uma tentativa de resolver questões judiciais com seus funcionários.

Na cidade de São Paulo, além das redes acima citadas estão presentes ainda a TV Cultura, da Fundação Padre Anchieta, que desponta nos anos 1990 como um dos principais canais de TV voltados à educação no Brasil, e a TV Gazeta, do Grupo Casper Líbero, sediada na cidade de São Paulo, com transmissão para a Grande São Paulo e Baixada Santista. Em 1992 é formada uma rede fora do circuito Rio-São Paulo, a Rede Organizações Martinez (OM), que em São Paulo se filia a TV Gazeta, formando a Gazeta-CNT.

A televisão aberta, na década de 1990, apresenta o seguinte perfil de cobertura: a Rede Globo praticamente cobre todo o território nacional com suas mais de 100 emissoras (quadro I), seguida pelo SBT, cobrindo 98%, a Rede Bandeirantes (81%), Rede Record ultrapassando os 50% e a recente RedeTV! sendo vista em 30% do território nacional. Porém, quando falamos em índices de audiência, a Globo continua hegemônica, com 57% dos telespectadores da cidade de São Paulo sintonizados em seus programas. O SBT consegue 22%; a Bandeirantes, 6%; Manchete e Record, 4% cada uma e 7% são divididos entre Gazeta e as TVs UHF e a cabo, as alternativas dos anos 90.

A televisão fechada, ou por assinatura, continua sendo um privilégio disponível apenas em cerca de 8,7% dos domicílios com televisão no país, porém isso é fruto de um crescimento de 750% em seis anos. Em 1994, eram apenas 400 mil domicílios assinantes,

---

<sup>3</sup> <http://globosat.globo.com/>. Acesso em 6 de fevereiro de 2005.

mas em 2000 se registravam 3,4 milhões.<sup>3</sup> No sistema fechado, temos os sistemas de transmissão:<sup>4</sup> TV a cabo e MMDS comercializados pela Net (das Organizações Globo) e a TVA (do Grupo Abril); e os sistemas por satélite, comercializados pela SkyNet (das Organizações Globo) e pela Direct TV (do Grupo Abril), todos em operação desde 1996. A televisão brasileira “entra na era digital”, como noticiado pela *Revista Veja*,<sup>5</sup> com a inauguração do sistema Direct TV, que entra no Brasil pelo grupo Abril, ampliando as opções de TV por assinatura. Em 1998, entraram em operação a Tecsats e a KTV.<sup>6</sup>

**QUADRO I – Perfil de cobertura do território nacional pelas Redes de Televisão**

Rede/TV	Nº de exibidoras		Cobertura em 2001 dos domicílios c/ TV
	1995*	2001**	
Rede Globo de Televisão	91	113	100%
Sistema Brasileiro de Televisão	72	86	98%
Rede Bandeirantes de Televisão	39	34	81%
Rede Record de Televisão	26	57	67%
Rede Manchete (1998)/ Rede TV!(1999)	26	9	30%
Central Nacional de TV (CNT)	19	25	22%
Rede Educativa	21	26	
MTV (geradoras)	9	7	

\* Fonte: Mídia Dados - 1995.

\*\* Fonte: [www.gm.or.br/MidiaDados/tv/84top.htm](http://www.gm.or.br/MidiaDados/tv/84top.htm). Acesso em: 27 jul. de 2001.

<sup>4</sup> Satélite (DBS e DTH): recepção por satélite, com recepção por antena parabólica, sendo que para o DTH a antena tem dimensões reduzidas; Cabo: a distribuição é feita aos assinantes através de cabos de fibra óptica; MMDS: o sinal da operadora é distribuído de maneira semelhante à das transmissões em VHF e UHF e é recebido através de uma pequena antena externa.

<sup>5</sup> TV com setenta canais. *Revista Veja*, 19 de junho de 1996, pp. 114-115.

<sup>6</sup> Fonte: MATTOS. *A televisão no Brasil...*, op. cit., p.145.

## Quem é quem na recepção<sup>7</sup>

A televisão é um bem de grande importância para o brasileiro, em 1999, 87,4% das famílias possuem um televisor,<sup>8</sup> chegando a praticamente 100% nas regiões metropolitanas. Enquanto muitas famílias têm televisão e não têm geladeira, outras possuem mais de um televisor, assinalando no início da década de 1990 uma tendência que vai ser afirmar até o fim do século: a audiência domiciliar segmentada. Em 1991, 45% da população da região metropolitana de São Paulo tinha mais de um televisor, sendo 67% da classe AB, 30% da classe C e 1% da classe DE. Oitenta e um por cento eram em cores.

Entre outros fatores, a abertura do mercado e o avanço tecnológico intensificaram a guerra da concorrência. A convergência da tecnologia facilita a definição da preferência das audiências, possibilitando um melhor direcionamento da programação,<sup>9</sup> e ainda que a distribuição da audiência apresente diferenças significativas em relação à idade, a distribuição por classe sócio-econômica se afasta um pouco das descobertas de Homero Icasa Sanchez<sup>10</sup> na década de 1980, enquanto consultor de pesquisa da Rede Globo.

---

<sup>7</sup> Os dados deste item têm como fonte o Relatório DATABOPE – o eletrograma de audiência – 1991, a não ser quando especificado em contrário.

<sup>8</sup> Mídia Dados, 2001, Marplan.

<sup>9</sup> STRAUBHAAR, Joseph e LaROSE, Robert. Comunicação, mídia e tecnologia. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004, p. 13.

<sup>10</sup> SANCHEZ, Homero Icasa. Análises e Pesquisa – fatores determinantes num conceito de televisão. In MACEDO, C., FALCÃO, A. e ALMEIDA, C.J.M. (orgs.). TV ao Vivo. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 45.

A classe A parece ter incluído a televisão em seu cotidiano e a classe D definitivamente é inserida neste mercado, conforme tabela 1.

**TABELA 1 – Perfil do telespectador da TV aberta – 1996**

Ano	Sexo		Classe social			Faixa etária					
	Fem.	Masc.	AB	C	DE	10/14	15/19	20/29	30/39	40/49	50/65
1996*	53%	47%	33%	39%	29%	13%	11%	24%	22%	14%	15%

Fonte: \*Mídia Dados 1996.

## Os novos caminhos

Depois da chegada do videocassete como opção de lazer nos anos 1980, na década de 1990 surge a TV UHF e TV a cabo, e mais ao final, o DVD, que revoluciona introduzindo a convergência analógico-digital no cotidiano.

No setor da TV a cabo o primeiro bom resultado comercial no Brasil foi o da TVA, inaugurada em 1991. Pouco depois a Globosat começou a transmitir para quem tivesse antena parabólica e em 1993 cria a Net, para operar a cabo, que representa a Globosat e opera a Multicanal e outras redes menores. A Net Brasil do Grupo Globo tem uma *joint-venture* com a News Corporation de Rupert Murdoch da Austrália. A TVA do Grupo Abril com a Capital Cities/ABC dos EUA.

Dentro das limitações legais de proibição de transmissão de programas próprios, a programação das TVs a cabo depende de produções externas. Num contexto de integração continental, a grande expectativa de sua utilização e exploração comercial

está no estabelecimento do Mercosul, uma vez que a rede de TV de sinal aberto pouco tem feito para integrar os países do Cone Sul. A Rede Globo vende suas novelas, emissoras do sul repetem sinal da TV Globo e da Bandeirantes, e a RBS – Rede Brasil Sul – gaúcha, comercializa com países vizinhos. Diante deste quadro sabemos muito mais dos gols dos principais times do Japão, Itália e Alemanha, transmitidos todos os domingos, do que de nossos vizinhos.

No final dos anos 1990, a TV a cabo ainda é uma opção para uma classe social privilegiada, uma alternativa para nichos de consumidores, mas os empresários do setor, acreditando num potencial em todo o continente, se entusiasmam com a compressão digital de imagens, que tradicionalmente opera por fibras óticas. O sistema digital possibilitará a transmissão de som e imagens de alta qualidade, além da transmissão de dados e telefonia celular. A disseminação do sistema o torna mais barato que o sistema tradicional e aí, dizem os empresários, “literalmente não haverá limite”. Estas perspectivas se tornam mais atraentes quando as estatísticas de audiência nos informam que nas classes mais abastadas a televisão está assumindo características de um meio de comunicação de consumo individual.

Os anos 1990 certamente entrarão na História das Comunicações pela globalização e diversidade. As novas tecnologias, em especial a Internet, abrem novas expectativas aos produtores e novas opções aos consumidores. Os produtores investem em re-criações de formatos, procurando atender nichos de especta-

dores e, em um ambiente de integração mundial, em que o Brasil apesar de sua posição estabelecida como exportador, representado pela Rede Globo, se vê obrigado a buscar opções de formatos, seja através da maior participação do telespectador, seja pela mistura de gêneros, face a diversificação da oferta, ainda que não pela qualidade, mas pela quantidade.

## **Programação na tv aberta brasileira em 1990**

Os anos 1990 começaram com

“previsões de que as telenovelas estavam com os dias contados, que o público iria se cansar delas e que o jornalismo enfim triunfaria sobre todas as telas. Pois o que acontece é justamente o contrário. Milhões de brasileiros seguem grudando os olhos todos os dias em alguma novela, e o gênero está mais vivo do que nunca. Mais ainda: é em torno dela que se trava a guerra mais ferrenha pela conquista de audiência”<sup>11</sup>.

“O telespectador brasileiro se habituou em 1990 a uma manobra radical. No ruidoso girar do seletor de canais ou na velocidade zap do controle remoto, ele ousou trocar de emissoras em pleno horário nobre. Os efeitos do que se

---

<sup>11</sup> SOARES Netto, Renata e FIGUEIREDO, Cláudio. “O Novelo Infinito”. Revista Imprensa, julho de 1990, p. 29.

pode chamar 'Síndrome Pantanal' começaram a se fazer sentir em abril, quando a telenovela da Manchete estava com mais de um mês no ar. Envolta em uma embalagem zen, a nova campeã de audiência vinha com um coquetel explosivo para fazer frente ao monopólio global".<sup>12</sup>

**Pantanal**, de Benedito Ruy Barbosa (1990), teve no papel principal, o de Juma Marruá, a moça que vira onça, a atriz Cristiana Oliveira, e apresentava uma temática erótico-ecológica e era ambientada no Pantanal mato-grossense. Com investimentos de 7,5 milhões de dólares, a Manchete esperava atingir no máximo 15% a 20% de audiência, mas já na segunda semana os índices começam a disparar, atingindo picos de 46% em São Paulo.

A Rede Globo não deixou por menos, reagindo com seu conhecido padrão de qualidade. Reúne um elenco multiestelar na novela **Rainha da Sucata**, para comemorar seus 25 anos. Mas o principal problema da emissora vem logo após a exibição desta novela, já que sua rival **Pantanal** entra no ar às 21h30. A solução foi "espichar" a duração dos capítulos de **Rainha da Sucata** e emendar com um filme de ação, sem intervalo comercial. A guerra de audiência se tornou mais ferrenha com a exibição, pela Globo, da minissérie **Riacho Doce**, que seguia a "onda" erótico-ecológica de **Pantanal**. A Manchete entrou no embalo com a exibição da minissérie **O Canto das Sereias**,

---

<sup>12</sup> MENDES, Mário. "Tratamento de Canal". Revista Isto É, 26/12/1990, p. 66.

livre adaptação da mitologia grega, com locações em Fernando de Noronha.

Tudo isso resultou num “excesso de nudez” na TV, que logo sofreu a interferência do Governo Federal. Através da Portaria n. 733, o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, pressionou as emissoras a controlarem o nível de violência e erotismo veiculado em suas programações.

Tomando-se as 28 horas de programação de sete emissoras de televisão no período de 19 a 25 de março de 1990, no horário das 19h às 23 horas, na cidade de São Paulo, totalizando 196 horas na semana, e classificando-se os programas a partir das categorias estabelecidas, observa-se que a grade de programação apresentava o seguinte perfil: Entretenimento (57,31%); Informativo (28,35%); Educativo (0,76%); Especial (3,44%); Misto Entretenimento/Informação (8,58%); Misto Entretenimento/Educação (1,27%); e Misto Informativo/Educação (0,25%) – Conforme Tabela 2.

Constata-se que a maior parte do horário considerado é preenchida por programas de Entretenimento, seguido pelos Informativos (quase metade do tempo ocupado pro aqueles), totalizando 85,66% da grade semanal. Já os programas Educativos, especiais e Mistos ocupam, juntos, os restantes 14,30% da grade de programação.

**Tabela 2 – Composição da Programação das Emissoras por Categorias**  
(3a. semana março 1990)

CATEGORIAS	Canal	Canal	Canal	Canal	Canal	Canal	Canal	Total	%
DE	2	4	5	7	9	11	13		
PROGRAMAÇÃO	(Cultura)	(SBT)	(Globo)	(Record)	(Manchete)	(Gazeta)	(Band.)		
<b>Informativo</b>	9h	4h	4h35	8h	8h30	12h30	9h	55h35	28,35
<b>Entretenimento</b>	12h30	23h30	20h50	19h30	14h	5h30	16h30	112h20	57,31
<b>Educativo</b>	1h30	-	-	-	-	-	-	1h30	0,76
<b>Especial</b>	0h30	0h30	0h30	0h30	2h15	2h	0h30	6h45	3,44
<b>Entretenimento</b>									
<b>Informação</b>	1h30	-	2h05	-	3h15	8h	2h	16h50	8,58
<b>Entretenimento</b>									
<b>Educação</b>	2h30	-	-	-	-	-	-	2h30	1,27
<b>Informativo</b>									
<b>Educação</b>	0h30	-	-	-	-	-	-	0h30	0,25
<b>TOTAL</b>	28h	28h	28h	28h	28h	28h	28h	196h	99,96

**Tabela 3 – Composição da Programação por Gêneros**  
(amostra: 3a. semana março 1990)

Categorias e Gêneros	Total (hs)	%
<b>INFORMATIVOS</b>		
telejornal	32h55	16,79
total	55h35	28,35
<b>ENTRETENIMENTO</b>		
seriado	28h05	14,33
cinema	25h50	13,18
novela	20h15	10,33
esporte	14h00	7,14
total	112h20	57,31
<b>MISTO ENTRE/INFO</b>		
entre/info	16h35	8,58
<b>EDUCATIVO</b>		
educativo	1h30	0,76
<b>ESPECIAL</b>		
especial	6h45	3,44
<b>MISTO ENTRE/EDUC.</b>		
entre/educ.	02h30	1,27
<b>MISTO INFO/EDUC.</b>		
info/educ.	0h30	0,25
<b>TOTAL</b>	196h	99,96

A distribuição dos programas por gêneros nos revela que o Telejornal foi o grande campeão do horário (16,79%), seguido pelos Seriados (14,33%), Cinema (13,18%), Telenovelas (10,33%) e Esportes (7,14%), sendo que neste último não foi feita a distinção entre transmissões de jogos e programas de comentário esportivo.

### *Entretenimento*

No gênero seriado (14,33%) só são encontradas produções importadas, como **Um Homem De Outro Planeta**, **Duro na Queda**, **Capitão Power** e **Dallas**. A campeã na exibição deste gênero é a Record (8h50 semanais), seguida de perto pela Bandeirantes (7h), vindo logo atrás o SBT (5h45) e a Cultura (5h), enquanto a Gazeta e a Manchete lhe dedicam, respectivamente, apenas 1h e 30 minutos, e na Globo ele não aparece na semana analisada. Ainda no mesmo ano, porém, brotariam na Globo e na Manchete várias séries nacionais de sucesso, como **A, E, I, O... Urca**, **Boca do Lixo** e **O Canto das Sereias**.

O alto índice do gênero cinema (13,18%) se deve, ao que tudo indica, à comemoração, na semana de 18 a 25 de março que estamos utilizando como amostra, dos 25 anos da Rede Globo, com a criação do **Festival 25 Anos**, que exhibe um filme por dia, logo após a “novela das oito”.

Quanto ao gênero telenovelas (10,33%), ele se faz presente na programação de três emissoras: **Cortina de Vidro**, no SBT; **Top Model** e **Tieta** na Globo; e **Kananga do Japão**, na Manchete.

O SBT, destronado da vice-liderança de audiência no horário nobre por **Pantanal**, contra-ataca buscando Walter Avancini na Globo, para dirigir seu recém-criado Núcleo de Teledramaturgia. Em novembro ele põe no ar sua primeira novela no SBT, com elenco novo e investimento de 5,6 milhões de dólares: **Brasileiros e Brasileiras**, que acaba não emplacando. Sofrendo várias mudanças de horário, a proposta de fazer uma novela que refletisse os problemas e angústias da camada pobre da população não agrada aos telespectadores.

Nesse universo de novas produções e guerra de audiência, a Globo lança, em julho, **Riacho Doce**, uma mininovela – ou maxissérie – de 40 capítulos, baseada no romance de José Lins do Rego e escrita por Aguinaldo Silva e Ana Maria Morethzon, com locações em Fernando de Noronha, numa praia de Olinda e no Rio de Janeiro. Deduz-se, portanto, que a fuga do sufoco urbano para os santuários tropicais é mesmo o que o público quer ver em novelas. A Globo quer, nesse campo, testar a fórmula das novelas curtas. Depois de consagrar o formato de 154 capítulos, que se imaginava o mínimo indispensável para amortizar os investimentos e dar lucro, as contas foram refeitas e demonstraram que 80 capítulos é o novo tamanho ideal. **Riacho Doce**, com 40, é uma espécie de aquecimento dos autores e da produção para o novo formato.

No gênero Esportes (7,14%), observa-se que a Manchete é a emissora com a maior quantidade de programas esportivos (5h15 semanais). As demais emissoras

se limitam a um programa semanal, em média, e a boletins que não ultrapassam 10 minutos, geralmente dando informações sobre a Copa do Mundo.

### ***Informativo***

Em 1990, na categoria Informativo, o gênero Telejornal (16,79%) encabeça a lista em quase todas as emissoras, com uma única exceção: a Gazeta, que não exhibe nenhum telejornal no horário considerado. A Bandeirantes é a campeã no horário nobre, somando 8h de telejornalismo semanais.

A venda da Record para o bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo Bezerra, que se consumou nos primeiros meses de 1990, traz mudanças na programação. A partir de maio sua grade passa a ser baseada em quatro linhas: jornalismo, musicais, filmes e esportes. No caso específico do Telejornal,

“o **Jornal da Record**, no ar das 18h às 20h, passa a ter uma edição dominical, mas sem que haja modificações em sua forma, que vem dando certo. O **Record em Notícias**, conhecido nos meios jornalísticos como ‘Jornal da Tosse’ – uma referência à idade avançada de seus apresentadores –, é completamente modificado, mantendo apenas sua concepção original: vários jornalistas debatendo as notícias do dia. É criado ainda o **Plantão Record**, que entra a qualquer momento, transmitindo as notícias que estão acontecendo”.<sup>13</sup>

<sup>13</sup> SOARES Netto, Renata e FIGUEIREDO, Cláudio, op. cit., p. 29.

No horário das 19:00 horas o SBT apresentava, de segunda a sábado, o **TJ Brasil**, com (desde 1988) Boris Casoy, “o primeiro jornalista escolhido para assumir o posto de âncora – em rede, para todo o país – no telejornalismo brasileiro”.<sup>14</sup> A figura do âncora, modelo importado do telejornalismo norte-americano, é recente no país.

“A primazia de quem introduziu a função no telejornalismo brasileiro continua obscura. Costa Manso foi citado por Mello e Souza como tendo exercido a função em 1976.

Carlos Monforte foi indicado por Alberico de Souza Cruz. De outro lado, Lins da Silva concluiu que um dos primeiros âncoras pode ter surgido em outra rede de televisão, a Bandeirantes: ‘Em nível de telejornalismo nacional, Joelmir Beting na Bandeirantes esboçou a função há dez anos’ (em 1980). O que parece claro hoje é que o formato de ancoragem de Boris Casoy tornou-se plenamente aceito como tal pela maioria dos jornalistas”.<sup>15</sup>

Quanto aos gêneros entrevista (3,86%), documentário (2,68%) e reportagem (0,51%), suas presenças são bem pequenas no conjunto da categoria Informativo. Os Documentários **Planeta Terra**, da

---

<sup>14</sup> SOARES Netto, Renata e FIGUEIREDO, Cláudio, op. cit., p. 30.

<sup>15</sup> CAMOSSA JUNIOR, Paulo. A Guerra dos Pelados. Revista Imprensa, junho de 1990, p. 54.

Cultura (sábado, 20:30h) e **Reino Animal**, da Gazeta (sexta, 21:30h), e os programas **Natureza**, da Record (segunda a sexta, 20h) e **Baleia Verde**, também da Gazeta (terça, 20:30h e sábado, 18h), parecem refletir a tendência ecológica do início dos anos 90, que virá a atingir seu ponto culminante com a realização da Eco/92, na cidade do Rio de Janeiro, quando 114 chefes de Estado se reunirão, sob patrocínio da Organização das Nações Unidas (ONU), para discutir problemas ligados à ecologia.

### *Educativo, Especial e Mistos*

Enquanto a categoria Educativo (0,76%) só é encontrada na Cultura, a Especial se faz presente em todas as emissoras (3,44%), em virtude do Horário Político Obrigatório, que na semana em questão vai ao ar na quinta-feira, com duração de 30 minutos. Na mesma categoria encontramos o gênero Infantil, representado pelo programa **Clube da Criança**, exibido de segunda a sexta na Manchete, com início às 16h e avançando até o horário nobre, e o gênero Religião, representado pelo programa **Sexto Sentido**, aos sábados na Gazeta, com 1h30 de informações sobre o Movimento da Nova Era.

Finalmente, nas categorias Mistas, encontraremos 8,58% de Entretenimento/Informação; 1,27% de Entretenimento/Educação - presente apenas na Cultura, com o programa **Rá-Tim-Bum** (segunda a sexta, às 19h); e 0,25% de Informativo/Educação - também na Cultura.

## O telejornal lança âncoras: programação na tv aberta brasileira em 1995

O ano de 1995 começou com características que, no decorrer do mesmo ano, se mostraram como sendo resultado de um momento de transição e afirmação na televisão brasileira. Vários fatores concorreram para tal resultado, embora não existam bases para falar-se de uma interdependência. A queda de audiência da telenovela **Pátria Minha**, transmitida pela Rede Globo; o *marketing* promovido pelos patrocinadores das equipes de basquetebol, voleybol, que fez com que o público 'descobrisse' estes esportes, resultando num interesse pelas transmissões dos campeonatos nacionais e internacionais; problemas internos da Rede Manchete; reformulações da programação da Rede Record na busca de uma filosofia de orientação identificada com seu novo proprietário. Como resultado temos uma programação dominada pelo Esporte, apenas três telenovelas no horário nobre e uma alta porcentagem de seriados, principalmente importados.

À parte toda esta movimentação/estagnação é preciso destacar a atuação da TV Cultura. Enquanto as outras emissoras procuravam sua identificação, ou iam atrás de tendências, a TV Cultura investiu em seu perfil entretenimento/educativo. Através de apoios da empresa privada transformou o programa **Rá-Tim-Bum** em **O Castelo Rá-Tim-Bum** (estreado em maio de 1994), com novo cenário e um alto nível de qualidade e que, embora totalmente orientado para

crianças, conquistou seu espaço no início do horário nobre. Ganhador da Medalha de Prata no 37º Festival de Nova York na categoria Programa Infantil e melhor produção para crianças pela Associação Paulista dos Críticos de Arte, sendo exportado para Cuba e negociado com os países de língua espanhola em 1996.

A caracterização de 'momento de transição' ficou clara a partir de abril de 1995 quando tivemos estréias de telenovelas no SBT, na Manchete e na Bandeirantes, todas elas de alto nível, numa clara intenção de "entrar prá valer" na concorrência de um público até então fiel à Rede Globo. Com isto fica firmada a opção pela telenovela. Ao investir em grandes produções, *remakes* como no caso de **Sangue do Meu Sangue** (no SBT) e **Uma Rosa Com Amor** (na Bandeirantes – já exibida em 1972 pela Globo), e adaptações literárias, **Tocaia Grande** (de Jorge Amado) na Manchete, todas com elencos estelares, as emissoras reconhecem a necessidade de oferecer alternativas ao desgaste de reprises de seriados ou produções mal cuidadas.

Dados mostram que embora a incidência de aparelhos de vídeo-cassete seja alta, e existam as alternativas da TV UHF e da TV a cabo (18% da população tem UHF e 0,3% TV a cabo), estas tecnologias de forma alguma vieram substituir o consumo da televisão de sinal aberto. A noção de sinergia entre os meios já nos disse que os meios se complementam mais do que se apõem.<sup>16</sup> As alternativas,

---

<sup>16</sup> CASTRO, Arlindo, 'Ficção na TV Brasileira: Notas Sobre a Programação' IN: BORELLI, Silvia H. S., Gêneros Ficcionalis, produção e cotidiano na cultura popular de massa. São Paulo: Intercom, abril de 1994, p. 107.

portanto, devem estar dentro da programação da TV de sinal aberto, o que se confirma na análise do uso dos VCR que representa uma porcentagem mínima do consumo de TV.

Um fator de influência, entretanto, é a presença do controle remoto presente em 21% dos domicílios. Seu uso torna a fruição fragmentada,<sup>17</sup> as pesquisas nos dizem que nos domicílios com controle remoto são feitas 4,2 mudanças de canal a cada hora de audiência, uma a cada 14 minutos, enquanto que onde não tem, esta frequência cai para 3 vezes por hora. O efeito *zapping* preocupa cada vez mais as emissoras, e é dentro deste contexto que surgem as categorias mistas. Os programas precisam ser dinâmicos, com textos reduzidos e diversificados tornando possível ao telespectador 'acompanhar' o programa mesmo que ele 'pule' de emissora nos intervalos, por exemplo.

Observando-se as 28 horas de programação de sete emissoras de televisão no período de 20 a 26 de março de 1995, no horário das 19:00 às 23:00h na cidade de São Paulo, totalizando 196 horas na semana, classificando-se os programas a partir das categorias estabelecidas vemos que a grade de programação tem um perfil de Entretenimento (64,63%), seguido pela Informação (23, 34%), sendo que a participação dos programas Especiais, Mistos Entretenimento/Informação e Entretenimento/Educação é bem limitada, apenas 12% somando-se as três categorias, conforme Tabela 4.

---

<sup>17</sup> WOLF, Mauro, "Genri e Mass Media" IN BARLOZZELTI, G., Il Palinsresto, Milão: F Angeli, 1986, p. 169-175.

**Tabela 4 - Composição da programação das emissoras por categoria**

(amostra: 3a. semana março 1995)

CATEGORIAS DE PROGRAMAÇÃO	Canal 2	Canal 4	Canal 5	Canal 7	Canal 9	Canal 11	Canal 13	Total	%
	(Cultura)	(SBT)	(Globo)	(Record)	(Manchete)	(Gazeta)	(Band.)		
INFORMATIVOS	11h	04h45	05h40	05h30	10h20	05h	03h30	45h45	23,34
ENTRETENIMENTO	06h30	22h15	19h15	20h	14h10	22h	22h30	126h40	64,63
MISTO ENTRE/ INFO	04h		02h05	00h30	02h30		01h	10h05	5,14
ESPECIAL	01h	01h	01h	02h	01h	01h	01h	08h	4,08
MISTO ENTRE/ EDUC	05h30							05h30	2,81
<b>TOTAL</b>	<b>28h</b>	<b>196h</b>	<b>100</b>						

A distribuição dos programas por gêneros nos mostra um dado inesperado, uma alta porcentagem de programas esportivos, 23%, contra 12% dedicados aos seriados importados, e apenas 10% às telenovelas, conforme tabela 5.

**Tabela 5 - Composição da programação por gênero:**

(amostra: 3ª. semana março 1995)

Categorias e Gêneros	Total (hs)	%
<b>INFORMATIVOS</b>		
telejornal	36h25	18,58
total	45h45	23,34
<b>ENTRETENIMENTO</b>		
seriado	24h35	12,55
esportes	44h15	22,58
novela	19h45	10,17
total	126h40	64,63
<b>MISTO ENTRE/INFO</b>		
entre/info	<b>10h05</b>	<b>5,14</b>
<b>ESPECIAL</b>		
especial	<b>08h00</b>	<b>4,08</b>
<b>MISTO ENTRE/EDUC.</b>		
entre/educ.	<b>05h30</b>	<b>2,81</b>
<b>TOTAL</b>	<b>196h00</b>	<b>100,00</b>

## *Entretenimento*

O alto índice da presença de esportes (23%) mostra uma tentativa de diversificação da programação neste horário, tentativa esta concentrada principalmente na programação da TV Gazeta-CNT. A CNT, por exemplo, optou pela transmissão dos Jogos do Campeonato Pan-Americano de Basquetebol e Futebol de 1995 como alternativa para as telenovelas.

No gênero seriado (12%) foram consideradas tanto as produções importadas, por exemplo, **Plantão Médico**, **Twin Peaks**, **Espelho Encantado**, como as produções nacionais, **Anos Rebeldes**, **Confissões de Adolescentes**, **Caso Especial**. Com exceção da TV Globo com **Anos Rebeldes** (em sua segunda exibição, a primeira foi em 1992) e **Caso Especial** e da TV Cultura com **Confissões de Adolescentes**, os seriados exibidos pelos outros canais são todos produtos importados, e na sua maioria seriados antigos, em sua terceira ou quarta exibição.

No caso das telenovelas (10%) é interessante notar que apenas duas emissoras estavam exibindo telenovelas no horário nobre, a TV Globo e o SBT. Na TV Globo tínhamos **A Próxima Vítima** e **Quatro Por Quatro**, e no SBT o *remake* **As Pupilas do Sr. Reitor**, de Eduardo Galvão, exibida duas vezes na mesma faixa de horário. Sua primeira adaptação foi feita por Lauro César Muniz em 1971, apresentada pela TV Record. **A Próxima Vítima** foi uma telenovela de Sílvio de Abreu que havia começado na semana anterior a da amostra deste estudo, no dia

13 de março,<sup>18</sup> no capítulo final essa novela atingiu 62 pontos de audiência.

Ainda que fora do horário nobre, a Globo também teve o seu *remake*. Apresentou uma nova versão de **Irmãos Coragem** (adaptação de Marcílio Moraes e Ferreira Gullar), a primeira versão, de Janete Clair, foi ao ar em 1970. Com um baixo índice de audiência um fato a notar foi o grande número de cartas enviadas pelos telespectadores pedindo a mudança do final, ou seja pedindo que o autor não matasse Jerônimo como na primeira versão.

Este misto de desejo e necessidade de intervenção foi explorado pela TV Globo em 1992 com o programa **Você Decide**. Neste programa são apresentadas histórias com dramas morais, cuja decisão é deixada nas mãos do telespectador que faz sua opção por telefone, 'vencendo' a escolha com maior números de telefonemas. Esta fórmula fez sucesso, com uma média de 35 pontos no Ibope, e já está sendo exportada para 40 países. Na semana aqui apresentada o programa passava por reformulações e não estava sendo exibido, tendo retornado em abril de 1995 apresentando, segundo seu diretor Fábio Sabag, 'problemas de maior impacto'.

Após o sucesso de **Éramos Seis** (1994 - 21 pontos no Ibope),<sup>19</sup> Sílvio Santos reconhece a necessidade ter telenovelas em sua programação e se dispõe a competir diretamente com a Globo. Sua opção recaiu na

---

<sup>18</sup> Romances proibidos, mortes e mistérios no horário nobre. Revista Contigo, 7 de março de 1995, p. 26,27.

<sup>19</sup> As Novas Novelas que Vêm Aí. Revista Contigo, 07 de março de 1995, p. 82, 83.

elaboração de *remakes* de histórias já consagradas. Após **As Pupilas do Sr. Reitor** entrou em exibição, em abril de 1995, **Sangue do Meu Sangue**, adaptada por Paulo Figueiredo. Esta novela de Vicente Sesso foi apresentada pela primeira vez em 1969 pela TV Excelsior com uma produção bem cuidada, merecendo a qualificação de “um dos mais importantes momentos da telenovela”.<sup>20</sup> Em seu *remake* o SBT prometeu seguir a tradição em estilo de superprodução.

Os demais gêneros de entretenimento não se fizeram presentes de maneira expressiva. O item cinema, ficou com a “fatia” de por 7%. O gênero programa de auditório (5%) só está presente em duas emissoras, SBT, com, **Hebe, Silvio Santos e Programa Livre**, e Rede Globo, **Domingão Do Faustão**. A origem de **Programa Livre** foi **TV Mix-4** no início da década na TV Gazeta. Apresentado por Serginho Groissman, este programa misto de música, jogos, debates, faz sucesso junto ao seu público composto essencialmente de jovens. **Domingão do Faustão** vem para concorrer com **Silvio Santos**.

A Rede Globo e o SBT também foram as únicas a investirem em humor (2%), com **A Escolinha do Professor Raimundo** e **A Praça é Nossa**, respectivamente, sem características de concorrência direta, pois vão ao ar em dias diferentes. Embora ambientados em diferentes cenários (a escola e a praça), ambos os programas têm a participação de antigos profissionais do humorismo em situações que vão da crítica po-

---

<sup>20</sup> FERNANDES, Ismael, *Telenovela Brasileira: memória*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 117-118.

lítico-social às piadas maliciosas e preconceituosas. **A Praça é Nossa** é uma “nova” versão de **A Praça da Alegria** apresentada pela TV Record nos anos 1960-1970. Desenho Animado e Música, cada um com aproximadamente 2% de participação, são opções alternativas dos outros canais.

### *Informativo*

Em 1995 aconteceu um relevante fenômeno de metanotícia, o telejornalismo brasileiro passa a ser assunto da mídia, principalmente da mídia impressa.<sup>21</sup> Começam a surgir rumores sobre a substituição de Cid Moreira no **Jornal Nacional**. A TV Globo encomenda uma pesquisa de avaliação dos apresentadores de telejornal que o aponta como preferido por 77% dos entrevistados, e cita Carlos Nascimento como seu primeiro substituto. Segundo a pesquisa Cid Moreira dá credibilidade ao Jornal e é simpático. Diante disso a Rede Globo diz que não pretende mexer “em time vencedor”, que “o público do **Jornal Nacional** é conservador, e mudanças complexas são difíceis”.

Porém exatamente um ano após, em março de 1996, aconteceu a mudança: Cid Moreira passou a ser o ‘porta-voz da Globo’<sup>22</sup>, ou seja passa a ser o locutor dos editoriais. E, na esteira destas mudanças, muitas outras acontecem: seu colega Sérgio Chapelin foi para o **Globo Repórter**, o **Jornal Nacional** passou a ser apresentado por Liliam Witte Fibe e William Bon-

---

<sup>21</sup> Com a mesma cara. Revista Veja, 22 e 29 de março de 1995.

<sup>22</sup> Cid Moreira Sai do JN. Revista Isto É, 13 de março de 1996.

ner; o **Fantástico** passou a ser apresentado por Pedro Bial e Fátima Bernardes; o **Jornal Hoje** por Fátima Bernardes; o **Jornal da Globo** por Mônica Waldvogel e o **Bom-Dia Brasil** por Renato Machado e Leilane Neubarth.<sup>23</sup> Segundo a Central Globo de Jornalismo o motivo destas mudanças seria o aumento da credibilidade, uma renovação que se dá a partir do modelo do noticiário americano, em que o âncora é um jornalista que interage com o repórter, faz entrevistas e comenta as notícias. Um outro motivo seria a busca do público jovem.

Como vem ocorrendo ao longo da história da TV, as outras estações vão na esteira da Globo. O SBT contratou Sílio Bocannera, Neide Duarte, Hermano Henning, e Marília Gabriela. Visando atender ao público masculino o SBT contratou ainda Juarez Soares e Sílvio Luis para sua equipe de Esportes. Segundo Bóris Casoy, editor-chefe e âncora do SBT, este investimento em jornalismo se deve ao retorno em publicidade. Por exemplo, o faturamento do **TJ Brasil**, com 10 pontos de audiência, representa 15% do faturamento comercial do SBT, ou seja US\$50 milhões por ano.<sup>24</sup> Já o **Jornal Nacional**, o telejornal mais visto no país, tem um retorno de US\$400 milhões em publicidade, o equivalente a quase um terço do faturamento total da Rede Globo (quando Lilian Witte Fibe substituiu Sérgio Chapelin em 1995 na apresentação do **Jornal Nacional** a audiência do

---

<sup>23</sup> Embora não façam parte do horário estudado, estes três programas são mencionados a título de complementação das mudanças ocorridas.

<sup>24</sup> A Notícia em Alta Rotação. Revista Isto É, 20 de março de 1996.

programa subiu da média de 46 pontos para 56, uma indicação de que o **Jornal Nacional** não é mais hegemônico – 80% – como em décadas passadas).

É preciso mencionar o telejornal **Aqui e Agora** apresentado pelo SBT das 18h30 às 19h45, diariamente. Criando em maio de 1991, este programa traz uma mistura de jornalismo policial, histórias do cotidiano e serviços. “Pichado” por muitos, elogiados por alguns, a verdade é que com seu estilo sensacionalista este programa, em 1992, só perdia em audiência para as duas novelas da Rede Globo, com as quais concorria, chegando a 31 pontos na Grande São Paulo. Seja por sua aproximação com a realidade, seja pelo seu não comprometimento com os segmentos do poder econômico e político, pela função educativa que alguns lhe atribuem, ou pelo entretenimento gerado pela abordagem sensacionalista, a verdade é que 22% do público do **Aqui e Agora** estão nas classes A e B, contra 25% do **Jornal Nacional**, e 42% são das classes D e E, contra 45% que assistem ao **Jornal Nacional**.

Os itens entrevistas e documentários têm participação de 2% cada. Na TV Cultura eram feitas entrevistas nos programas **Roda Viva** e **Opinião Nacional**. Os Documentários estão na TV Cultura, **Planeta Terra** e **Jornal Da História**, e também na TV Globo, **Globo Repórter** e na TV Manchete, **Câmera 100** e **Câmera Manchete**.

## *Mistos e especial*

Uma característica encontrada em alguns programas em 1995 é a mistura de gêneros. Programas como **Fantástico** (RGT), **Domingo 10** (RBT) e **Programa De Domingo** (RMT) ao mesmo tempo em que apresentam as principais notícias da semana, as parodiam em quadros de humor. Em outro momento apresentam reportagens sobre os mais diversos assuntos ou apresentam o mais recente sucesso musical. O objetivo desta mistura é a construção de um fluxo de programação<sup>25</sup> vendável ao patrocinador, ao mesmo tempo que atrai o telespectador, atendendo às suas necessidades de lazer e informação.

Na TV Cultura temos **Vitrine** e **Metrópolis**, fazendo uma linha de noticiário cultural, falando de artes, espetáculos, mídia e assuntos culturais em geral. Como Especial (4,08%) foram considerados os programas do horário político e **Shop Tour**, um programa de serviços.

## **Programação na tv aberta brasileira em 2000**

Depois de vários anos de liderança, o **Programa do Faustão**, perdeu pontos para as estratégias de guerrilha do empresário Silvio Santos, que prepara sua sucessão colocando o apresentador Gugu Liberato em

---

<sup>25</sup> WILLIAMS, R., *Television. Technology and Cultural Form*, Inglaterra, U.P. of New England, 1992, p. 72-80.

seu lugar no horário entre 16h30 e 20 horas do domingo. A fórmula provoca a queda da média mensal de audiência do programa global, levando a redução do tempo do programa, depois de tentativas radicais do conteúdo (*sushi* erótico, *remakes* apelativos contando a vida dos artistas).<sup>26</sup>

Parte da reação da Rede Globo foram ainda mudanças cercadas de uma grande movimentação publicitária. No aniversário dos seus 30 anos, a Globo realizou uma renovação geral que passa pela construção de um centro de produção artística, compra de equipamentos, cursos e treinamento para funcionários e atores. No telejornalismo a reformulação ficou por conta das aparências, reforçando as características de mistura informação+entretenimento. Os cenários foram mudados, e o noticiário aproximou-se do espetáculo.<sup>27</sup> No **Fantástico** entrou a ficção declarada através do quadro de teleteatro baseado nas crônicas jornalísticas de Nelson Rodrigues (1995), salientando ainda mais a característica da mistura de gêneros para chegar em 1999 com quadros saídos do circo, num verdadeiro *show* de variedades.<sup>28</sup> O humorismo tomou fôlego, embora não muito novo. Estreou em 1996 o programa **Sai de Baixo**, gravado ao vivo, que

---

<sup>26</sup> Um furacão no domingo do Faustão, Revista Veja, 29 de outubro de 1997, p. 132. O pesadelo da Globo, Revista Veja, 3 de abril de 1996, p. 105. Snif, snif, Revista Veja, 2 de setembro de 1998, p. 149. Faustão perde peso, Revista Veja, 7 de abril de 1999, p. 137.

<sup>27</sup> MARCONDES FILHO, Ciro. A vida pelo vídeo. São Paulo:Moderna, 1989, pp. 52, 53.

<sup>28</sup> O circo na TV. Revista VEJA, 18 de setembro de 1996, p. 122.

retomava a linha de **Família Trapo** da TV Record dos anos 1960/1970.

Para a conquista do espectador foi retomada uma abordagem já utilizada no passado, a 'TV-interativa'. Através do telefone o público tem a oportunidade de opinar 'em tempo real', gerando uma sensação de participação que visa à fidelidade da audiência. Tal estratégia foi adotada por todas as emissoras, com variações na forma dependendo dos recursos disponíveis de cada uma. Enquanto a maioria optou por telefonemas de premiação (que além de audiência é também uma fonte direta de receitas), ou recebimento de fax com perguntas a entrevistados, a Rede Globo inovou o caráter desta participação, dando a oportunidade de escolha do final do programa (**Você Decide**), ou do próximo filme (**InterCine**) ou da temática do próximo programa da série (**Fantástico**).

Neste contexto, a telenovela sobreviveu por ser um gênero de consumo horizontal, com penetração significativa em todas as classes,<sup>29</sup> característica esta muitas vezes creditada como resultado do modelo norte-americano do nosso sistema de comunicação, da importação de técnicas de produção de bens culturais, com as emissoras estruturadas como empresas capitalistas, o que lhes dá recursos para uma produção elaborada.

---

<sup>29</sup> Fonte: A grande vitrine da televisão mantém toda sua força. Especial Mídia. Ano III, no. 29, julho 2001, pp. 4-12, encarte especial de Revista ABOUT - 9 de julho de 2001. Ano XIII, n. 635.

Tabela 6 – Composição da programação das emissoras  
por categoria – 2000  
(amostra: 3a. semana março 2000)

CATEGORIAS	Canal 2	Canal 4	Canal 5	Canal 7	Canal 9	Canal 11	Canal 13	Total	%
	Cultura)	(SBT)	(Globo)	(Record)	(Manchete)	(Gazeta)	(Band.)		
Informativo	6h10	0h0	6h20	9h10	5h00	2h30	5h	<b>34h10</b>	21,789%
Entretenimento	8h20	22h30	13h45	9h50	15h00	8h45	27h35	<b>105h05</b>	67,30%
Educativo	5h30	0h0	0h0	0h0	0h0	0h0	0h	<b>5h30</b>	3,52%
Especial						8h45		<b>8h45</b>	5,60%
Esportes							3h10	<b>3h10</b>	1,98%
Total	20h	22h30	20h05	19h	20h	20h	35h45	<b>156h</b>	

Tabela 7 – Composição da programação das  
emissoras por gêneros – 2000  
(amostra: 3a. semana março 2000)

Categoria e gêneros	Total	%
<b>Informativo</b>		<b>23%</b>
Informativo	8h50	
Telejornal	25h55	
<b>Entretenimento</b>		<b>67,3%</b>
Seriado	2h00	
Cinema	1h00	
Novela	28h25	
Esporte	3h10	
Infantil	1h15	
Shows – programas de auditório	16h35	
Diversos*	4h05	
<b>Misto entretenimento/informação</b>	5h20	2,5%
Entretenimento/informação		
<b>Educativo</b>		
Educativo	5h00	2,5%
<b>Especial</b>		
Especial	8h45	4,7%

\* Programas incluídos em **Diversos**: 30 anos, Clássicos da Cultura, Você Decide, Linha Direta, 50 anos de TV, Ed Banana.

Este perfil da programação é o resultado de experiências se consolidam em uma grade caracterizada por um telejornal de serviços com preocupações locais, intensa participação da população nos programas e conteúdos que enfatizam o drama do cotidiano nos horários de maior audiência, o horário nobre, das 19h às 22h. São os programas de auditório que retornam, garantindo bons índices de audiência ao mostrar, além de música, jogos e entrevistas, brigas de casais e vizinhos; é o Ratinho (Carlos Massa) no SBT, que abandonou a prática de esbravejar e chacoalhar um porrete na cara do telespectador, optando por um programa que procura atender as expectativas de uma classe que está chegando à televisão, a classe DE.

A partir de 1990 observa-se um aumento da presença de informativo que antes era menos de 20%, e em 2000 é 23%.

Na década de 1990, as programações das emissoras abertas nacionais de televisão caminharam para a homogeneização, tendo a violência e o entretenimento como pilares. Concomitantemente acesso aos aparelhos de TV foi facilitado às classes DE e, ainda que as classes AB tenham como opção os canais fechados, a TV aberta “mantém seu poder de fogo, (...) sendo os anos 1990 extremamente generosos para o meio”<sup>30</sup> (tabelas 8 e 9).

---

<sup>30</sup> A grande vitrine da televisão mantém toda sua força. Especial Mídia. Ano III, no. 29, julho 2001, p. 4, op. cit.

Em resumo pode-se afirmar que, na década de 1990, a nossa televisão sofreu novas transformações, com a TV por assinatura exercendo um papel decisivo na mudança do perfil deste veículo. Com o sucesso do Plano Real, as camadas mais pobres da população aumentaram o poder aquisitivo, podendo adquirir inúmeros televisores, o que fez crescer as audiências das classes C, D e E. (...) Na disputa pela audiência CDE que, apesar de menos qualificada, é quantitativamente maior, as emissoras apelaram para os programas popularescos, sensacionalistas, e também passaram a lançar mão de sexo e violência, como o **Aqui Agora, Cidade Alerta, 190 Urgente. No Limite** e outros.<sup>31</sup>

TABELA 8 - Eletrodomésticos em novos domicílios<sup>32</sup>

Eletrodoméstico	Total de domicílios atendidos		
	Antes do plano Real (1993)	Depois do Plano Real (1996)	Mídia Dados Televisão
Rádio	85,1%	90,4%	<b>1999</b>   <b>2001</b>
Televisão	75,8%	84,3%	87,4%   87,7%
Televisão em cores	50,2%	69,2%	
Fogão	95,2%	96,6%	
Geladeira	71,7%	78,2%	
Máquina de lavar roupa	24,3%	30,4%	
Freezer	12,9%	18,0%	

<sup>31</sup> MATTOS. A televisão no Brasil ... op. cit., p.167.

<sup>32</sup> Fonte: IBGE/PNAD apud MATTOS. A televisão no Brasil, op. cit., p. 118.

**TABELA 9 – Vendas industriais de aparelhos de TV e vídeo/ aparelhos em uso (1.000 unidades)**

Ano	Preto-e-branco (vendidos)	Cores (vendidos)	PB & Cores (em uso)	Vídeo cassete (vendidos)
1990	577	2314	29983	581
1991	547	2443	30308	696
1992	330	2294	30080	554
1993	<b>425</b>	3399	31502	816
1994	400	5100	34555	1200
1995	138	6066	38921	1923
1996	N.D.	<b>8542</b>	45643	<b>2704</b>
1997	N.D.	7836	50573	2449
1998	N.D.	5836	53768	1992
1999	N.D.	4032	55103	1168

Fonte: [www.gm.org.br/MidiaDados/tv/84top.htm](http://www.gm.org.br/MidiaDados/tv/84top.htm) acesso: 27 de julho de 2001.

---

# Observações finais

Sandra Reimão



---

Tomando a programação televisiva veiculada na cidade de São Paulo no horário das 19 às 22 horas em uma amostragem de 1965 a 2000, nos propusemos, neste estudo, a traçar o perfil, ao longo do tempo, de alguns elementos básicos da TV brasileira no tocante aos gêneros e categorias dos programas transmitidos.

Apesar de nosso foco bem delimitado, a complexidade e a sobredeterminação do fenômeno televisivo obrigou-nos a tangenciar alguns aspectos do momento histórico condicionantes dessa programação.

Nestes parágrafos finais não tentaremos adentrar no amplo leque de variáveis que se mostraram estreitamente imbricadas na história da TV brasileira. Tal pretensão extrapola, e muito, nossas intenções. Nos limitaremos aqui a retomar pequenos pontos que se mostraram, através do rastreamento temporal, claramente presentes, quando se enfoca a TV brasileira do ponto de vista do conjunto dos programas transmitidos.

Uma primeira observação diz respeito ao domínio dos programas de entretenimento na televisão brasileira. A TV no Brasil nasceu em 1950, fruto do capital privado e com finalidades comerciais. Assim sendo, é de se esperar que o grosso de sua programação se volte para o entretenimento. Nosso estudo confirmou quantitativamente essa dominância, no que tange ao horário nobre.

No esquema classificatório do qual partimos (ver introdução) a categoria Entretenimento se contrapõe às categorias Informativo, Educativo e Especial. No entretenimento, pode-se dizer, grosso modo, predomina a ficcionalidade, enquanto nas outras categorias a não-ficcionalidade seria o dominante. Para mostrar como em alguns programas atuais essas categorias se misturam enormemente, Umberto Eco parte da conceituação dessa dicotomia caracterizando-a nos seguintes termos: “Programas de informação são aqueles nos quais a TV fornece enunciados concernentes a acontecimentos que se produzem independente dela” enquanto que nos programas de ficção tem-se basicamente uma construção da imaginação<sup>1</sup>. Obviamente essa diferenciação não pode ser encarada de maneira estanque, nem como formulações excludentes. A telenovela brasileira, por exemplo, há muito, inclui em suas tramas, fatos da história recente do país. O telejornal **Aqui Agora**, para citarmos outro exemplo, é mestre em ficcionalizar e romancear os crimes e delitos reais que noticia. Ficcionalidade e não-ficcionalidade não são categorias mutuamente excludentes, nem mesmo claramente delimitadas, mas sim, tendências dominantes em determinadas categorias televisivas.

---

<sup>1</sup> ECO, Umberto. “TV: La Transparence Perdue” In *La Guerre du Faux*, Paris, Ed. Grasset, 1985, p. 196 a 220.

Porcentagem da categoria entretenimento no total da programação:

1965 – 77,1%

1970 – 75,5%

1975 – 77,5%

1980 – 69%

1985 – 67%

1990 – 57,3%

1995 – 64,6%

2000 – 67,3%

(obs: esses números são aproximados e estão aqui citados apenas como vagos indicadores, pois para cada um dos anos enfocados há uma quantidade variável de programas dos quais não identificamos a categoria - o preenchimento de lacuna poderia alterar a tabela acima em alguns pontos- ver os capítulos específicos)

Esse predomínio do entretenimento enquanto categoria televisiva dominante alinha o caso brasileiro às conclusões do estudo comparativo efetuado por Raymond Williams entre a programação de emissoras americanas e inglesas. Nesse estudo Williams conclui, entre outros pontos, que “há diferenças a serem observadas entre a programação televisiva na Inglaterra e nos Estados Unidos, mas o fato mais evidente é uma certa similaridade entre os canais de serviço público por um lado e os canais comerciais por outro”,<sup>2</sup> os canais comerciais dedicam-se prioritariamente ao entretenimento. Alicerçada nessa diferença central entre público e privado é que se assentará a identidade específica de cada emissora.

Apesar do claro predomínio do entretenimento na TV brasileira, há, segundo os dados agrupados, uma pequena queda dessa categoria televisiva no final

---

<sup>2</sup> WILLIAMS, Raymond. *Television-Technology and Cultural Form*, Inglaterra, Wesleyan Univ. Press, 1992, p. 77.

da década 1970 em diante, e conseqüentemente um pequeno crescimento das categorias não-ficcionais no horário nobre da TV brasileira. Nos parece que esse crescimento dos programas não ficcionais deve ser correlacionado ao fim da vigência do Ato Institucional número 5 no país e a tudo que esse término representa. Decretado em 13 de dezembro de 1968, o AI-5 foi o instrumento jurídico-punitivo mais forte do regime militar no Brasil. A suspensão do AI 5 em 1978, a reorganização da sociedade civil a partir de então e o clima de otimismo em relação à abertura política do país e vontade de participação na vida pública podem ser vistos como o pano de fundo explicativo desse crescimento do não-ficcional no horário nobre da TV brasileira.

Uma segunda e última observação geral que gostaríamos de assinalar nestes parágrafos finais diz respeito a um gênero televisivo central na TV brasileira: a telenovela. Principal produto da indústria televisiva brasileira, as telenovelas constituem o gênero que agrega o maior números de telespectadores e são o negócio mais rentável da televisão brasileira atual<sup>3</sup>. Nas telenovelas o Brasil apresenta um produto diferenciado, com identidade própria capaz de competir no mercado internacional. Versando sobre esse gênero Doc Comparato, escritor e roteirista, afirmou: “No panorama mundial dos produtos para a televisão,

---

<sup>3</sup> DAMANTE, Nara. “A Salvação da TV” IN Revista Imprensa – Mídia, ano 1, número10, julho 1995, p. 30 a 37.

poucos países possuem uma identidade própria de linguagem como o Brasil”.<sup>4</sup>

Essa especificidade é tão marcante que um manual/dicionário francês atual apresenta o seguinte verbete:

“A telenovela (tradução literal: teleromance) é a forma assumida pelo gênero “folhetim televisivo” na América Latina. O mercado internacional de programas consagrou, especialmente depois dos anos sessenta, a modalidade brasileira desse gênero, conhecido lá pela forma abreviada novela. (...) [ No Brasil ] as mais assistidas são as programadas pela rede Globo que as produz em seus estúdios. Essa rede é a quarta *network* do mundo, vindo atrás de três redes americanas. Ela sozinha produz cotidianamente mais de seis horas de ficção.(...) É com as novelas que a Globo se impõe como líder e esse gênero constitui, desde 1970 a principal peça de sua programação.(...) Ela alia sua força de sedução ao poder de um gênero tradicional que retoma a memória narrativa popular do melodrama (...). Atualmente, aborda temas de forte ressonância social”.<sup>5</sup>

Entretanto, esse produto tão específico requer altos investimentos para manutenção do patamar de

---

<sup>4</sup> Apud MELO, José Marques de. As Telenovelas da Globo. Produção e Exportação, SP, SummusEd., 1988, p. 56.

<sup>5</sup> Charon, Jean-Marie (org.). L'Etat des Médias, Paris, La Découverte-Médiaspouvoirs-CFPI, 1991, p. 66-67.

qualidade técnica que o gênero já atingiu no Brasil, o que pode, para as emissoras menos sólidas financeiramente e sem um público cativo já conquistado, representar um alto risco financeiro. Sendo assim, em um círculo vicioso, a Globo, líder desse segmento, tende a manter-se como tal e as demais emissoras tendem a diminuir o número de seus lançamentos (no que se refere a produções próprias) ou a retirar-se desse segmento.

Já na década de 1970 delineou-se claramente essa tendência de crescimento da Globo na produção de telenovelas.

	número de telenovelas lançadas por ano:		
	Globo	Tupi	Record
1970	2	8	2
1971	6	7	6
1972	6	9	5
1973	7	7	4
1974	5	4	-
1975	11	7	-
1976	8	5	-
1977	11	4	1
1978	7	5	-

(Obs: A novela exibida pela Record em 1977 foi **Espantinho** produzida pelos estúdios Sílvio Santos). fonte: Idart *Apud* Luis Eduardo Postsch de Carvalho e Silva, **Estratégia Empresarial e Estrutural Organizacional nas Emissoras de Televisão Brasileiras (1950 a 1982)**, SP, EAESP, Fundação Getúlio Vargas, 1982, p. 305.

Nas décadas seguintes essa tendência geral de maior produção da Globo em relação às demais emissoras manter-se-á nesse segmento – telenovelas – que é a marca registrada da TV brasileira. Assim, por

exemplo, em 1985, a Globo lançou cinco telenovelas e três minisséries enquanto a Manchete iniciou a transmissão de duas novelas e o SBT outras duas. Em 1980, a Globo lançou nove novelas e quatro minisséries, a Manchete quatro novelas e uma minissérie, e o SBT apenas uma novela<sup>6</sup>. Ou seja, nestes anos, a soma da produção das outras emissoras que produziram algo no gênero perfaz um total menor que o número de produções da Globo. Talvez uma concorrência mais acirrada e duradoura pudesse servir de ocasião para promover uma reoxigenação do gênero.

Nosso estudo limitou-se aos primeiros cinquenta anos da televisão brasileira, ou seja, encerrou-se em 2000. De lá para cá muitos fatos novos aconteceram e muitos outros estão por vir, no entanto, como já dissemos, acreditamos que o futuro, por mais que nos reserve surpresas, trará as marcas desse passado.

---

<sup>6</sup> Fonte: FERNANDES, Ismael. *Telenovela Brasileira. Memória*, SP, Brasiliense, 1994, 3a. ed.



# Sobre os autores

**Ana Carolina Pessoa Temer** – nasceu em Salvador, Bahia. Formou-se em Jornalismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E é mestre e doutora em comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. É jornalista da Diretoria de Comunicação da Universidade Federal de Uberlândia

**Célia Chaves** – nasceu em Marabá, Pará. Graduiu-se em Jornalismo na Universidade Federal do Pará em 1993. É mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo

**Cláudia Guerra Monteiro** – nasceu em Belém, Pará. Graduiu-se em Letras pela Universidade Federal do Amazonas em 1992. É mestre em Comunicação pela UMESP e doutora em Educação pela Universidade São Paulo (USP). É professora da Universidade Federal do Acre (UFAC).

**Marcia Perencin Tondato** - nasceu em Santo André, São Paulo. Formou-se em Publicidade e Propaganda. É mestre em Comunicação pela UMESP e doutora pela USP.

**Renata Carrara** - nasceu em Pereira Barreto, São Paulo. Graduou-se em Jornalismo na Universidade Federal do Paraná e defendeu dissertação de mestrado em Comunicação na UMESP.

**Sandra Reimão** – nasceu em São Paulo, Capital. É bacharel em Filosofia pela USP e Mestre e Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Realizou pós-doutoramento pela Universidade Paris 1. É professora da Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo e pesquisadora-bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico (CNPq).